

ERA NOVA



PARAHYBA DO NORTE



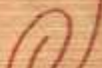
15 DE OUTUBRO DE 1922



Mlle. BRITES LEMOS DA SILVEIRA

II

NUM. 35



A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos
expendidos nos artigos de seus collaboradores.

ANNUNCIOS previamente justos com o director-commercial da Revista

SUMMARIO

- I** — Pescadores do Nordeste — *José Vieira*
II — Canôas ao Mar (Soneto) — *Américo Falco*
III — O bandeirante — *J. Flôsculo da Nobrega*
IV — Portugal no Centenario do Brasil — *Vicente d'Alencar*
V — Á minha Samaritana — *Joyne D'Alvarilla*
VI — sonho Mendaz (Soneto) — *S. Guimarães Sobrinho*
VII — Um romance de costumes parahybano — *Paulo de Magalhães*
VIII — Reflexões de uma cabra — *Transcripção*
IX — Memórias de um Aulepassado — *Da Silva e Mello*
X — A historia do Telephone — *Redacção*
XI — Livros & Revistas — *Redacção*
XII — D' "O Jardim das Fontes silenciosas" — *Lopoldo Pires*
XIII — Cartas de Mulher — *Viôleta*
XIV — Educação Profissional — *Alphes Domingos*
XV — Vigilia (Soneto) — *Don Gil*
XVI — Notas Theatras — *A. N.*
XVII — Notas elegantes — *Redacção*
XVIII — O mapinguary — *Alfredo Lustosa Cabral*

ASSIGNATURAS

Capital	Anno - - - - -	145000	Interior	Anno - - - - -	185000
	Semestre - - - - -	75000		Semestre - - - - -	105000
	Numero avulso - - - - -	5000		Não ha venda avulsa	

Numero atrasado 15000 • AVENIDA GENERAL OSORIO • Pagamento adiantado

"Vender barato, para vender muito"

É O LEMMA POR QUE
SÃO PREFERIDOS OS MOVEIS

DA

SERRARIA NAVARRO

F. Navarro & Filho

MACIEL PINHEIRO, 452.

PARAHYBA DO NORTE

ERA NOVA

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade

**Especialistas das afamadas
marcas de cigarro:**

Deliciosos, Populares, Epitacio Pessoa, Santos Dumont, Amorim, Simeão Leal,
18, Isia, Smart, Dulce, Dalva, Mary, Gazany, Feculas Finas, Morenos, Falha, Cor-
tiça, Hilda, Commercias, 5 de Agosto, Globo, Vencedores, Condor, Victoria, Presidente
Wilson, Perlitos, Lucy, Pernambucanos, Diva, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nabuco, Progresso, Buquets, Ambreados, Cigarrillos Bahianos, Electra, Brazil Club, Mariette, Ve-
nancio Neiva, Albertine, Chumbados, Roque, Venturosos, Mimosa, Victoriosos, High-Life, Daniel, De-
licados, Estrella, Orion, Circulares, Mascotta, Fidalgo, Santo Antonio, Dote Amigos, Sem Rival, e outras
innumerables marcas. — Fabricados com fumos de primeira qualidade.

Mantêm sempre grande stock de charutos das melhores fabricantes da Bahia,
e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUAS OFFICINAS 340 OPERARIOS

Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

PREFIRAM A

"PHOTOGRAPHIA COLOMBO"

Compra e vende MACHINAS PHOTOGRAPHICAS USADAS

NO BECO DO ROSARIO, 119.

SA' LEITÃO & C.

ARMAZEM DE FERRAGENS — FUNDADO EM 1872

65—RUA M. PINHEIRO—65

PARAHYBA DO NORTE

End. Telegraph.: **BALISA**

Grande Armazem de Miudezas e Perfumarias

CARVALHO BASTO & C.

Importadores de mercadorias nacionaes e estrangeiras

End. Telegr. — **ALZIRA.** — Caixa Postal, 98 — Telephone n. 263.

91 — Rua Maciel Pinheiro — 91. * **PARAHYBA DO NORTE.**

Armazem de Estivas,
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar

DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CODIGO — RIBEIRO

Endereço Telegraphico — **FERNANDES**

Praça Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

Praça Alvaro Machado, 16.

PARAHYBA DO NORTE

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVA

F. H. VERGARA & C.^{IA}

VISEOS DE TODAS AS QUALIDADES

Kerozene, Arame farpado, Ma-
deiras, Salitre,
Enxofre e Cimento.

TODOS OS ARTIGOS DO RAMO DE ESTIVA

DEPOSITO PERMANENTE DE FARINHA DE TRIGO

Serraria, descascamento de arroz
a vapor, Retinação de
assucar, Torrefação de café e Fa-
brica de cigarros.

Filias em Campina Grande e Guarabira

Praça Alvaro Mach do, 6.—R. Desemb. Trindade, 14
e 10.—Praças Santos Dum. nt e 15 de Novembro.

End. Tel. **Vergára**—Parahyba

Praça Alvaro Mach do, 6.—R. Desemb. Trindade, 14
e 10.—Praças Santos Dum. nt e 15 de Novembro.

PESCADORES DO NORDESTE

Defronte do Cabo Branco os transatlânticos, na viagem para cá, antes de ser a terra distinguida, avistam umas grandes azas brancas desemparelhadas vogando á tóa no mar alto. Approximando percebe-se que não são azas, que são velas, — e são as velas das jangadas de pesca, onde não tardará que se divise um caboclo fornido, tostado de sol, o cabelo muito negro e lúcido, desviando o olhar das ondas para ver o vapor. Accena-se-lhe de bordo; elle tira o chapéu de carnaúba, sorri cumprimenta, e vae ficando para traz... Depois que se avalia a distancia em que elle se acha do continente, sua coragem causa assombro, por que a fragil jangada, avançando para o largo, foi onde só costumam ir os grandes navios e as grandes aves do mar. E' nessas lonjuras de mysterio e de perigo, que o jangadeiro do Nordeste vem descobrir e surpreender o peixe. O potyguara do tempo da conquista seu mais remoto avô, herdou-lhe o denodo, a paciência e a firmeza com que elle quasi habita sobre a agua enganosa. Lançando-se ao mar no leve lenho, não é o mar que preoccupa o pescador, o que lhe dá cuidado é, sobretudo, o peixe. O mar pôde encapellar-se, o mar muda de aspecto de um momento para outro; manso, azulado e sereno que dir-se-ia uma planura de saphira onde a jangada desliza, de repente um vagalhão se arqueia deante da vela quieta, e moita, e repelle barco e homem, mostrando que ali é tudo abysmo e ameaça tremenda. Outra vaga se levanta; esta velu ainda mais violenta; em vez de repellir o pescador, atrá-o fóra do seu banquinho, embarca-lhe a jangada...

Eis o praeiro a nado no mar fundo, nada, alcança a jangada, e revira-a, repõe-a, diz-lhe, á flôr d'agua, recembarca, e recomeça, confiante qual se aquillo fosse em terra... Um poeta, entretanto, recolheu das castiças da beira-mar esta quadra, em que se encontra, na grave melancolia das vidas penosas condormadas com o destino, a aspiração do pescador:

— Minha jangada de vela
Que vento queres levar?
— De dia, vento da terra,
D' noite, vento do mar.

Ir de dia para o mar, voltar de noite para terra, trabalhar o dia todo, mas ter a noite de sua, seria essa a existencia ideal do pescador. Içando porém a vela de algodão e fessando-se da praia, elle não pôde dizer quando regressa, ou se regressa...

Restará sobre as vagas dois dias, três dias, quatro dias voltará talvez depois de cinco dias, talvez até nunca mais volte, quem sabe?

A pescaria não se reduz a essas incursões de jangada mar a dentro. Nem todo pescador possui jangada; e mais difficil é ter uma canôa. O jangadeiro, commumente, é o proprietario da jangada em que pesca; o canoeiro, não; de ordinario elle vê-se lhe escorar a vida inteira trabalhando para os outros, ganhando quando trabalha e sujeito sempre ao dono da canôa. Este, aliás, possuindo, afôra a canôa, a rêde de arrasto, sem a qual não se obtem as pescas vultuosas, é quem faz com que as praias não amorteçam no rametirão dos logarejos isolados e sem estímulo.

Nas épocas de abundancia, nas phases em que o peixe, segundo diz o pescador, "acode magua como abelha", a immensa rêde — o tresmalho, — atrada, se estende afundando na vizinhança dos cardumes, sustida pelos canoeiros que a dirigem das cinco canôas em fila que formam o «jangacio». Nesse instante, batalha se trava entre o homem e o mar.

O cardume dispersa-se ou se ajunta no vae-vem da vaga alterada. E' preciso colhe-lo sem demora. Colhido, é preciso prendel-o, para que se não tresmalhe para fóra, como velu, tresmalhado, para dentro. A faina exige olho seguro, braços fortes, agilidade. Parecerá que as canôas estão amarradas na tona d'agua, e que as mãos do pescador enxergam, lá dentro, no mergulho do tresmalho... O' ide ver os caboclos canoeiros do Nordeste arrastando a rêde repleta através as verdes vagas douradas de sol...

O tresmalho leva á praia, alguma vez, montes enormes de pescado. Empilhando-se na areia, a criôba vermelha, a cavala cor de prata, dorsos de peixe vario ainda molhado — o xaréu, a tainha, o bagre, a gorda garou a — arredondam dunazinhas brilhantes a que tira o poente faiscas de ouro e rosa, de topázio e esmeralda. Mas o praeiro não se detem para contemplar o peixe morto derramado na areia.

A pescaria é uma aventura: o dia incerto, a noite incerta, a vida enfim jogada no risco terrível do oceano indifferente. Peixe no mar, pesca-se; peixe em terra, come-se...

O Mun cipio adivinhou a entornadura do tresmalho na praia. Eis, aqui está o cobrador do dizimo. Um por dez é a percentagem da Câmara; pagou-se á Câmara. O cobrador do

resmalho, senhor também do zangareio, depois de o último pago, retira o que a si lhe pertence — metade do peixe. Dá-se mais ao apreidiz, dá-se ainda ao tapazeijo sem empingu que ajuda o pescador a retirar do mar a canoa e conduzi-a à calçara, rolando-a sobre táos de coqueiro. Se a pesca não foi feliz, acontece que aquelle que trabalhou, que trouxe o peixe para terra, que affrontou e que venceu o mar bravo, depois de tudo, entra em casa, sómente, com duas ou três tainhas, que elle não pôde vender, pois não apenas para matar a fome á mulher e á filhaçada.

Não sendo farto, não é, entretanto, triste o viver do pescador. Nasceu ali, quer bem á praia, quer bem ao mar; para o resto, contenta-se cada um com o rouco que tem... A extensão de aguas profundas e vivas, que ás vezes o tragam impiedosas, mas que elle, enquanto vive, domina alegre, com o seu barco — o mar, que lhe dá o peixe, que o conhece talvez — o velho mar ora verde ora azul, hoje calmo como um lago, amanhã tempestuoso e terrador, — essa extensão de aguas quasi sem fim, é sua, deu-lha a Deus. É o seu mar, como proclama na cantata do «coco»:

— Eu já soube da noticia
Que o inglez comprou o mar.
— O inglez não tem dinheiro
Pra comprar o nosso mar...

Á beira da praia, não tem mais era a gamelleira e pada onde o prateiro desoccupado vae conversar e jogar cartas. Elle hoje não entra o mar; passa a tar'e na gamelleira. Fimdo o almoço, estira-se na esteira e dorme sob o alpendre da pa'hoça. Depois, ha gente na gamelleira, sae para lèr, e até deita-se, á noite, no ghau de caboatans, nada mais faz senão jogar e falar.

Ora! A luta da vespera foi tão dura e temeraria... Joga, por-la e dorme agora descansado, pescador. Lá por fóra, na cidade, ha quem te chame preguçoso. Deixa lá que te chamem preguçoso. Se tu mesmo não te pões julgar, que vale o juizo dos que te viram dormir sem terem visto o teu labor e a tua audacia? Dorme. É amanhã que o vigario vem rezar a missa da Senhora dos Navegante; não vae ao mar amanhã, vae á missa. Só ha p' ti o, hoje, acordaste. Mas a maré não vem ainda; espera a maré, que o teu dia só começa depois da pré-mar. Espera a maré, em baixo da gamelleira, assim mesmo, deitando de barriga na areia e com a cabeça erguida só para as curvas do baralho, que sustens entre os dedos, «chorando» o ponto no azar do «trinta-e-um»... Deixa estar, pescador. O teu lazer é uma licença de guerreiro; os dias que passas em terra são o teu tempo de paz.

Na orla da praia, por entre o coqueiral, amarellece a rua de casinhas de palha onde

moram os pescadores. O mar arrebenta em frente; straz da rua, os passaros cantam na folhagem dos cajueiros. O tempo não vña, é pachorrenho como a vida do logar. Noite e dia, o marmilho das endas se casa ao sussurro dos coqueiros; é como se fosse um ruidar unico. Pela curva do littoral erguida do chão alvado onde catembas envelhecem e o gua-

peixes... Depois da Missa do Gallo, o «coco», Começando de madrugada, o «coco», dura os dias de uma pesca de jangada que não seja muito longa — uns dois dias, mais ou menos.. Mede, assim, o jangadeiro, pilheriando, a sua dança, com o tempo com que andou ao lèu da sorte, no mar, quando-se á noite pelos astros como Ulysses.

"ERA NOVA" NO PARÁ



Senhorinha RAYMUNDA SERRA SANTOS, da alta vida social de Belém.

glú atroxia nos bosquetes verdejantes, prolonga-se a columnata dos tsipes cinzentos. No alto, as palmas tateiam por sobre os cachos fulvos. A uma banda do povoado, alveja a capella da padroeira, frontaria para o mar. Enxugam jangadas em descanso na linha da praia. A calçara, feita de esteios de pão-ferro com caibros de mangue, coberta de folhas de coqueiro, presas aos cabos com imbés — o tosco galpão da pesca — protege das chuvas as canoas. Guarda-se em casa o tresmalho.

Chega o Natal. Na casinha de palha ha uma roupa nova para cada creatura. Feito luar ou soalheira, sobre as aguas do mar, para o espirito do Deus-Memino, Tréguas aos

O «coco», da praia dança-se dentro de casa. Abancado no caixote de ker'zene, um prateiro zabumbela com as mãos fechadas nas leves taboas. Ao pé d'elle, dois outros musicos «decidem»; um vascoleja o «caracaxá», o outro bate o «cambito» no couro de guaxinim de uma «caixa» afinada. No zoeiro dessa musica, quem é que se lembra dos perigos que correu na pescaria? Venha o «coco» de umbigada Baten-lo palmas, contando no rythmo do «caracaxá», em harmonia com o «caixa», e o caixote, os braços se procuram uns aos outros, encontram-se na poeira da sala sem ladrilho. Quem appareça para espiar, é posto na roda com uma umbigada de mulher, efe-

CANOAS AO MAR



Alvorada! Que paz acompanha osromeiros!
Dorme o rio a sonhar... A cidade é tranquilla...
E exhibindo a manhã seus fulgores primeiros,
Traz dos céos claros tons de uma estranha dahlia!

O remador valente a sorrir não vacilla...
E a canoa desliza aos traêjos ligeiros...
E no espêtho do rio entre os remos oscilla...
Que divina esperança illumina os barqueiros!

E parte a frôta audaz, venturosa, buscando
O mar que em festa espera as lep das canoas,
Que descem pelo rio a sonhar, soluçando...

E parte a frôta assim ao adeus do arrebol...
E segue e avança e gosa ante as caricias bôas
Do sorriso da espuma e dos beijos do sol!

AMERICO FALCÃO

N. da R. — Reproduzimos este soneto por ter sido publicado com algumas incorrecções, pelo que pedimos desculpas ao seu auctor.

no folguêdo... Quando o «côco» é «de tôdas»,
a volupia e a algrêa da dansi exprime-se dan-
do-se as mãos os dansantes, se não é batendo
as palmas, voltando-e a meio para a direita
e para a esquerda e dobrando-se para deante,
em saudação, ao se enfrentarem, isso tudo en-
tre canitags.

Para o ladô de lá,
— Quero passar, quero passar,
— Eu tambem sou passador,
Para o lado de lá.

A moça que tira o «côco» profere o nome
da vizinha, dá-lhe a mão e aravessa com ella
para a outra banda.

— Eu tambem sou passador,
Para o lado de lá.

Ah, quanto é boa a vida no «trinta-e-uma»
da gamelleira no «ôco de roda» de Natal!

Em Acrijuitirô — na bahia que a historia
chrismonou com a traição de Pirajiba — o lam-
peão votivo que á noite se accende no pateo
da igreja está na bocca de uma pça de arti-
llaria onde se lê o nome de um rei Espanhol.
E' um despojo de guerra. Outras remi-
niscencias das campanhas que o brasileiro sus-
tentou nessas plagas ardentes, em terra e no
mar, tem sepultado a areia pelas praias, á som-
bra dos coqueiros. A origem de laes reliquias,
não a conhece bem o praieiro. Contam-se, em-
tanto, nos serôes, nas se las mornas da ga-
melleira, episodios sangrentos, heroismos, per-
seguições — correrias de potyguaras e tabajaras,
entradas de portuguezes, resistencia do
selagem guerreiro de enfendo o seu torrão
da cubica de estranhos. E o mar que hoje
sulca a ja-gada de vela, o perap na altura do
qual manobram os zangarcios, parece falar

ainda, no rumor da onda revolta das esqua-
dras holandezas que ali passavam combaten-
do, de canhoicos e naufragios.

Si perguntardes ao praieiro o que sabe da-
quellas aguas, responderá com as tradições da
guerra famosa, transmitidas até elle nas con-
versas de dez gerações de pescadores em cujo
sangue pulsou a rapidez de Camarão com
o arujo de Anhanqueira.

Desse volver de valentias, de victorias e in-
fortunios, de que o final triumpho se ganhou
com o sacrificio de uma raça, precisamente
com o sacrificio do filho primitivo do paiz,
do bravo indio que clamou ao invasor «pre-
ferir entregar-se á morte antes do que entre-
gar as suas terras»; desse volver de valentias
e sangueiras brotou na alma do pe calor do
Norte a noção de um dever para elle sagrado
— o dever de defender o Brasil no dia em
que isso lôr preciso.

O Brasil, para elle, é essa outra religião
que o brasileiro nunca pôde abjurar — a reli-
gião do amor da Pátria, ensinada inconscien-
tamente nos serôes do «pendre em noites de
lua e nas sessas da gamelleira quando os ve-
lhos comparecem, religião fortificada no mel-
lamento e no trabalho, sobre os perigos do
mar.

Por ella o jangadeiro da abolição vinha dos
mares de Iracema á Côte, em serviço da Li-
berdade; por ella os jangadeiros de 1922 vo-
jam das suas longinquas praias meo-nocturnas
á cidade maravilhosa que re-une o Brasil.

Jangadeiros que chegas dos vossos mares
de esperanças sêde bemvindos ás aguas azues
da Guanabara.

JOSÉ VIEIRA

O BANDEIRANTE

(Excerpto)

Iniciara-se então a obra de expansão geogra-
phica do paiz. A civilização, que acompanhara
por mais de duzentos annos ás bordas do
litoral, ia agora atrojtar-se á conquista dos ser-
rões bravios.

O bandeirante foi o genio epico dessa arre-
mettida titanica contra o deserto.

Filho do hybridismo heterocito de três ra-
ças, e identificado, por um prodigio de ada-
ptação, á brutalidade indomita da natureza que
o envolvia, o bandeirante tallara-se á feição
do meto em que havia de actuar. Na sua or-
ganização rija de cyclope integravam-se, con-
substanciadas em intima harmonia, a par da
resistencia adaptativa do negro, a vibratidade
guerreira do indio e a indole aventureira e
conquistadora do europeu; e na sua alma es-
tuante de mestiço dos tropicos vibraram, dyna-
mizados, todos os vicios e todas as virtudes,
todas as ancias, ambições e audacias da sua
epoca. Barbaro e civilizado ao mesmo tempo,
ao mesmo tempo heroe e saltador, o bandeir-
ante realizava o factor providencial da nossa
expansão geographica.

Era a unica força capaz de subjugar o de-
serto.

E subjugou-o. A lucta foi um estupendo tor-
noso athletico de mais de cento e trinta annos,
a des-nrolar-se em lances e tontantes de epo-
pêa. Não a historiographia, que não ha apprehen-
der-lhe a grandeza epica no empetro de uma
apreciação synthetica.

Fixemo-lhe, porem, a avantajada significação
historica. O bandeirante foi um Attila trans-
mutado em batêdor da civilização; foi a de-
vastação desencadeada através de uma logica
potentosa. Destruiu para construir.

Passou com uma furia de avalanche através
do manto barbaro — rasgando florestas, es-
calando cordilheiras, saltando rios e pantanos,
e desistando na esteira de seus passos a deso-
lação de milhões de tribus esmagadas; mas onde
ardam os escombros de uma taba selvagem
ergua e em breve uma cidade, e os triumphos
da civilização vinham redimir os crimes do
conquistador.

Na brecha que rasgou por dentro do conti-
nente traçou com precisão geometrica o dia-
gramma inter-vel da expansão colonizadora;
e foi ajustando-se ao roteiro dos seus passos
que as vagas povoadoras peneiraram o deserto.

Graças a elle, o Brasil ostentava, ao alvo-
rescer do seculo XVII, o seu maximo de ex-
tensão geographica, e o povoamento intensivo
do hinterland lançava as bases da grandeza
economica e social da nova patria.

J. FLÔSCULO DA NOGREGA

S. Luzia, 20-6-1922.

LEIAM O «FULÔRÊIOS»

J. FLÔSCULO DA NOGREGA

S. Luzia, 20-6-1922.

prince falar

Portugal no Centenario do Brasil

VIEIRA D'ALENCAR

O abraço paterno, cordialissimo, que o velho Portugal mandou ao Brasil pela sua embaixada magnifica, chefiada pelo illustre presidente Antonio José d'Ameida, foi a mais commovêdora e a mais significativa de quantas homenagens recebeu a nação brasileira, na hora de intensa exaltação cívica da commemoração do nosso Centenario.

Foi o proprio Portugal que, em coração, esteve connosco, compartindo todo o nosso jubilo vibrando aos mesmos tremtos do nosso entusiasmo e do nosso orgulho, neste momento excepcional da nossa historia quando o Brasil — rebento vigoroso da arvore ancestral da gente luzitana a florir na America, herdeiro e representante, nesta parte do mundo, das nobres e heroicas virtudes do espirito portuguez, espirito a um tempo sonhador e constructivo — quando o Brasil, diziamos, acaba de vencer gallardamente a primeira etapa de vida caracteristicamente nacional.

Todo o nosso desvanecimento por este gesto de requintada cordialidade revelador do carinho e da admiração de Portugal pelo Brasil, já o expressámos pela voz do chefe da nação, naquella eloquente e memoravel fala com que o senhor Epitacio Pessoa saudou o eminente mensageiro do povo irmão d'alem mar.

O presidente da Republica falou com a mais erguida visão da importancia e até da razão de estar Portugal assim connosco vivendo intensamente, neste instante, a nossa alegria.

Em verdade, a presença entre nós do egregio estadista portuguez foi o testemunho definitivo dos fortes sentimentos de amizade a unir os dois povos, o seu e o nosso, que, no abraço affectuoso deste momento, deixaram, de uma vez por todas, evidenciado que brasileiros e portuguezes nada mais são do que a mesma grande alma de uma raça sempre impulsionada pelos mesmos ideaes generosos e eternamente atraída pelo fascínio das luminosidades de um destino glorioso.

E agora, mais do que nunca, o Brasil e Portugal, apparecendo deste modo fraterno aos olhos dos luzidos representantes dos povos mais cultos da terra que visitaram o nosso paiz, mostraram-se como um só coração a fremir na perenne ansiedade dos mesmos sonhos e das mesmas aspirações grandiosas.

Aiás foi sempre assim. Nunca deixou de existir esta correspondencia perfeita de ideaes entre as duas nações. Nunca, a despeito de, em algum tempo um sópro máo de ideaes desagregadoras e dispersivas, haver tentado cres-

tar a flor desse sentimento de ingenita sympathia que nos traz inteiramente identificados com a nóbre gente portuguesa. Mas, felizmente, essa campanha ingrattissima da mediocridade jacobina de alguns espiritos transviados culminou, como não podia deixar de culminar, no mais ruidoso desastre. Não foi de balde que João do Rio, aqui, e João de Barros, falando em sua terra, pregaram, naquelle esplendido apostolado de civismo, que nunca mais será

A' minha Samaritana

*As sandalias calcei de peregrino
E vim meu passo erguendo o pó do estrada.
Minha tunica é irmã do meu destino:
É doirada de sal e retalhada.*

*Como aquelle rabbi, lepro e divino,
Quero sociar a sede e ter pousada.
Chego á cisterna e logo desceitino
O teu perfil hebreu que é uma alvorada.*

*Mostras-me a amphora cheia, mas eu vejo
Que el'a um philtro contém que accenderia
Mas a chama febril do meu desejo.*

*Ó rosa do jardim de Samaria,
Mesmo havendo cicuta no teu beijo,
Eu te beijava a bocca e... murreria!*

Julius D'Alvavilla

equecido, o alevantado ideal de approximar, cada vez mais, pelo espirito e pelo coração, os dois povos que o destino fez irmãos.

E, hoje, aquelle sonho, que a principio nada mais parecia que um simples recreio de poetas a divagar encantadoramente, amavelmente, mas sem nenhuma finalidade pratica, em torno a uma questão de tanta significação social, tão grave e tão positiva, hoje aquelle sonho é esta magifica realidade a que todos estamos assistindo, maravilhados, mais uma vez, de quanto é estupenda em realizações sorprendentes a fantasia dos poetas quando estes em si a scen-teilha das almas de privilegio.

Todos os ideaes, os grandes ideaes, no começo, tem de força, essa forma imprecisa e vaga, são como uma bruma doirada apenas... Mas, ao depois, vem o milagre e eis que tudo quanto era apenas uma visão entresenhada se objectiva nessas creações maravilhosas do genio humano.

Outra coisa não podia acontecer com esse

ardente aspiração de fazer de Portugal e do Brasil uma só patria moral da mesma raça. Temos as mesmas tradições gloriosas a zelar, a mesma historia a encher-nos de orgulho, as mesmas legendas de heroi-mo a nos envaldecer, porque tudo isso constitue um unico patrimonio de bellêsa épica do espirito avencureiro, cheio de um cavalheirismo gentil e usado da mesma gente vinculada, acima de tudo, pela força moral da mesma lingua. De feito, quando outro factor de ordem social não houvesse a fortalecer essa unidade de sentimentos, bastava o termos este incomparavel thesouro commum, que é este idioma grandiloquo e formosissimo, para justificar a necessidade de uma completa e definitiva communhão entre os dois povos que o devem vejar e cuidar com o mais enternecido amor.

E' a defêsa dessa lingua sem equal que, em primeira plana, se impõe. Portugal e o Brasil, representados nas suas élites intellectuaes, no prestigio de suas mentalidades d'escól, têm esta missão consigo, integrada mesmo no destino commum que lhes foi dado.

Conservar impolhita, sem eiva, na plenitude da sua nobreza hieratica, na imponencia classica da sua sanctidade, na pureza dos seus veios limpídos, esta lingua encantada dos mais caprichosos esplendores, a lingua em que tem sido celebrado todo o poema commevante da Raça, ou nos *Luziadas* ou em *Caramuru*, ou com o Padre Vieira ou com Ruy E' este instrumento magico e sonoro que a nós cumpre preservar de tudo quanto possa feri-lo na sua alma. Mas, alem deste motivo poderoso outros, qual a qual mais forte, uniam-nos a avançar para o triumpho total desta causa nobilissima.

Portugal e o Brasil, a par dessas afinidades puramente espirituaes, na esphera dos sentimentos artisticos, têm empresas praticas no dominio das realizações positivas, a levar por diante. Tudo está a falar muito alto na missão historica dos dois povos. E' preciso, entretanto, que ajudemos a boa vontade do Destino... E é agora Ahi esteve o velho Portugal de legenda vibrando connosco, alma com alma, neste instante de intenso entusiasmo para a patria brasileira.

Foi um gesto bem commovêdor este de Portugal que, apressando-se em trazer-nos a expressão mais alta do seu affecto, nesta hora, mostrou compreender que a fatalidade historica de 1822, ponto inicial de todo o nosso esplendor de hoje — não acabou absolutamente com a verdadeira unidade, a unidade moral, de brasileiros e portuguezes.

SONHO MENDAZ

PARA A ALMA IDEALISTA DE VIEIRA DE ALENCAR

Homem, estranho sêr, creatura cega,
Andas á cata da felicidade!
Por maior que te seja essa ans'idade,
A ventura que sonhas te não chega.

A illusoria alegria que te cega
Foi sempre o mal de toda a humanidade:
Nasceu, floriu em tua mocidade,
Hoje é uma sombra vã que te renega.

Acostuma-te á dôr que tu maldizes
Na lucta extrenua do teu eu, suppondo
Os outros, sempre, mais que tu felizes.

A magua é tua eterna companheira:
Tua alegria ficará no hediondo
Riso de tua misera caveira!

S. Quirina ao sobrinho

UM ROMANCE DE COSTUMES PARAHYBANOS

CAPITULO IX

A ÉPOCA LECTIVA

Ao mez de março a rua Nova se enfeitava de encanto, com os seus largos passeios aluminaes de um sol brando, primaveril, e pela manhã e á tarde transitados de umas três centenas de garridos petizes e lindas moçoilas, que ao ás aulas do Collegio das Neves, reabertas desde meados de fevereiro.

Tobias, sempre apegado aos livros, mas agora envolvido por um enleio feminino, amaiorava muito aquella bravura disciplinar, que singularisava e o tornava extranho aos da sua idade. Era ainda o estudioso madrugador e devotado, mas, nunca mais, o cansaço ou a preocupação lhe permittiram de protrahir a tarefa matinal até ás onze horas, horas do almoço, como d'antes.

Podia estar engolfado na mais attrahente e predilecta leitura. Se presentia, porém, o rugir de uma sala, a vozaria alegre da creança, levantava curioso a cabeça, alongando a vista á rua, ao adro, no antegoso das surpresas.

Pois, ás nove horas, os compendios estavam relegados sobre um caixão de kerosene, as suas paginas, tangidas pelos ventos; entanto, o rapaz se derrecava ao poial da janella, entretido com os juvenis passantes, que affluíam para aquelle unico lado, como borboletas no mez das flôres revoando ás tontas para os jardins.

Passados muitos minutos, o que lhe chocou as retinas, e o fez recuar para posição erecta foi o vulto airoso e lepidô de Mercedes, com a sua irmãsinha, ambas alumnas do religioso educandario. Surgiram ellas do bôco do Carrão, conduzindo, cada uma, uma cêsta, dessas de uso das collegieas. Ao ganhar a ligeira inclinação da campina, a moça relanceou o olhar á república e cumprimentou cautelosa do testemunho de Glorinha. A seguir sumiu-se por trás da porta, que dona Barbara fechou, solícita. Tobias, mentalmente, acompanhou os passos da rapariga até a ampla sala onde se localisava a segunda classe, separada de outra por um tapume de caibros recobertos de estopa caçada. O ladrilho era de tijollo, o tecto vão; bôa a cubagem de ar. Desafogava esse compartimento ao nascente, uma área para recreio, vedada da campina por uma alta amurada. Ao meio-dia aquelle recinto se animava de uma algazarra despreocupada e communicativa. Era a hora da merenda.

Às vezes as meninas brincavam de "roda" e cantavam assim:

Nós também nos lembramos
Dos bons tempos passados,
Quando juntas brincamos
Nos campos e nos prados . . .

Eh lá, eh lá!

Dansae, gentis donzellinhas;

Eh lá, eh lá!

Para alegrar as mãesinhas..

O prefalado compartimento e o dos mentinos eram os unicos que ainda sobreexistiam do antigo pardiêro extenso e acaçapado; a mór parte do estabelecimento já ostentava uma construcção esbelta, luzidia e com o pavimento superior rasgado de numerosas e elegantes janellas.

Neste ponto, a attenção do rapaz foi despertada com as passadas ligeiras e curtas de um roupêta, que vinha, sahido do Mosteiro, distante poucas jardas. Era don Ulrico, levando á mão direita um grosso guarda-chuva de cabo de volta e na outra uma bolsa de couro, repleta de apetrechos religiosos. O santo homem carregava a sina de catar por toda parte os moribundos, os mendigos os atormentados na vida, que necessitassem do reconforto da sua assistencia. Uma loira creança quiz tomar-lhe os passos, distendendo as mãosinhas entre supplice e risonha. Balbuciou-lhe, o frade, sem parar, uma benção, com o semblante enfarruscado, os labios trementes e a mão no ar. Seguiu a deante e dobrou a esquina, deixando indecisa a creança, que não lhe percebera o gesto christão.

Às duas horas chegaram o irmão Ricardo e o seu collega Roberto, ambos alliviados da ultima aula do dia. Sabedor dos habitos exquisitos de Tobias, o visitante cumprimentou-o com um "Ai Tobias!", respondendo este com voz alta e affectuosa:

— Meu caro.

Roberto comprehendeu então que elle estava de bom humor, e indagou:

— Já em preparo, hein, a these?

— Não. — Fixou o olhar na altiva palmeira plantada ao pé do collegio e a este dominando em toda a altura. O rapaz esteve um momento absorto: — Deixo para escrevel-a no Rio. Já tenho regulares elementos para explanar o assumpto—nervos, affecções, prostração nervosa . . . Só me falta o titulo. A materia reunida é abundante. Curei-me, annotando as etapas da doença e por um systema por assim dizer de hygiene organica . . . gymnastica alimentação frugivora, banhos mornos . . . Pouco, e por fim, nenhum uso de phosphatos e bromuretos. Actualmente, além de excellentê disposição espirital, estou assim. (Tobias arreacçou a man-

ga do pyjama, contrahiu o bicipite e pediu:

— Toca aqui.

Roberto se ergueu do tamborete e calçou o logar indicado.

— Agora aqui! (Distendeu a perna direita em posição horisontal). — Como é rijo!

— Upa! — Lisonjeou aquelle, intelligentemente, a valdade insopitavel do philosopho-athlecta — Agora sim. Está *culaba*!

Os três gargalharam com a plebéa expressão. Depois, falou o joven scientista:

— Nunca fui fraco. Minha compleição, minha armadura ossea é bôa. O que me estava definhando era uma *surmenage* incurada.

— *Surmenage*??!

— Cansaço . . . exaustão. E' uma enfermidade nervosa, consequente a excesso de trabalho mental, explicou.

— E depois de formado fica se pelo Rio . . .

— Não. Até bem pouco era esse meu desejo, devido o Instituto Manguinhos; mas a gente vae mudando de propositos, conforme as suggestões . . .

Tobias não poude terminar a phrase com um aparte de Ricardo, que se ia encaminhando pelo corredor:

— Olha, Roberto, subentenda nessas *suggestões* aquella donzella de outro dia . . .

Mas sem dar ouvidô ao palrador, Tobias proseguiu:

— Essa mansidão de Parahyba é que me convem á saude, que necessito repouso prolongado para obter cura definitiva. (O rapaz comprimiu as fontes, e depois de uma pausa, lamentou-se): — A amnésia . . .

— Como, esse nome?

— Cada palavra! chasqueou o mano.

— *Am-né-si-a*. Repetiu Tobias, syllabando. E' ainda uma doença do systema nervoso. Manifesta-se por interrupções bruscas da memoria. A gente procura ás vezes o chapêo por toda a parte, tendo-o á mão . . . sem saber. E' horrivel. E' uma doença . . . — Elle perscrutou o pateo, que se coalhava de meninas — Como corre o tempo; nem reparava que já são três horas. (Encaminhou-se em direcção á janella, retomando o fio do pensamento): — E' uma doença da alma . . . E' uma *psychose* . . .

PAULO DE MAGALHÃES

Podendo, vence! Porque
Quem pôde e não quer vencer,
Pôde quando não prevê,
Querer vencer sem poder. — M.

“REFLEXÕES DE UMA CABRA”

O nosso collaborador, dr. José Americo de Almeida, remetteu sua novella *Reflexões de uma cabra* a alguns dos escriptores nacionaes a quem poderia interessar essa mostra de litteratura regionalista.

Apesar de se tratar de um trabalho escripto em menos de oito dias e destinado, por sua côr local, ao nosso meio, novos applausos, além dos que já foram publicados e transcriptos por esta revista e pelo *O Norte*, juntam-se a esses juizos.

Eis os conceitos dessas ultimas cartas e cartões:

— De um dos mais festejados dos nossos romancistas e membro da Academia de Letras: «Como agradecer-lhe, meu amigo, sua novella e sua dedicatória? A' obra de arte — dôr de uma criatura — que importa o desdém humano? — feita humorismo — lendo-a e applaudindo-a; á generosidade do confrade apertando-lhe a mão muito grato, seu admirador e patriôta — AFRANIO PEIXOTO.»

— Do glorioso criador dos *Urupês*: «Você, se quizer, será um grande escriptor, cheio de personalidade. Basta que tome a serio o seu talento. Pense n'ello e queira bem a esta besta de carga — LOBATO.»

— De João do Norte, o brilhante escriptor de *Terra do Sol*: «C.rrô patriôta e amigo. Creio que permitirá chamar amigo ao illustre confrade que com tanta amabilidade escreveu o offertorio de sua novella a este careense exilado e que escreve sempre a saudade de seu sertão. Demorei em responder-lhe para ter tempo de ler o seu trabalho, que muito me agradou pela simplicidade de seu estylo, pela correção apurada de sua linguagem e pela originalidade de sua fabulação. Que tranista é o senhor! Felizmente, a sua cabra não fez reflexões sobre mim e talvez por isso tenha eu gostado tanto das reflexões que fez sobre os outros. Meus parabens pela sua novella. Quando tiver presentes tão preciosas, lembre-se de seu am. ador. — GUSTAVO BARROSO.»

— Do victorioso autor da *Covarrã*: «Com attenciosos cumprimentos de OASTÃO CRULS, que muito lhe agradece a nimia gentileza da offerta de um exemplar de sua brilhante novella — «Reflexões de uma cabra» — lida com muito interesse e não menor prazer.»

— De FARIAS NEVES SOBRINHO, o deliciaoso poeta de *Pôr do Sol*: «Li, com subido prazer o seu trabalho que, com sincridade affirmo-lhe, trouxe a meu espirito, fatigado dessa litteratura incolôr e inexpressiva que por ahí anda, o tomco de um estylo claro de um caso nosso, do nosso meio norista, em estylo cuidado, com boa grammatica e excellente observação. Dou-lhe meus parabens pelo exito merecida-

mente obtido pela «Reflexões de uma cabra», que me vem revelar um escripto que, dentro em pouco, creio-o bem, ha de ser «alguem» com que as nossas letras terão de contar.»

— De MARIO SETTE, autor de *Senhora de Engenho*, recebeu o nome malabardado esse consagrado romance com a seguinte dedicatória: «A José Americo de Almeida, com um abraço de parabem pelo triumpho magnifico de sua esplendida novella «Reflexões de uma cabra».

— De uma carta de Luís de Camões Castido, o reputado critico rio-grandense, autor



Renato e Linnea, filhos do dr. José Rodrigues de Carvalho

da *Alma Patriôta*: «O phenomeno da adaptação sertaniza foi estudado de modo interessante. O que notei de mais realce e segurança no seu trabalho foi a fixação da payagem, consciente, local, sem arrebiques de letas e tentativas de effeito pictoral. E' a *Meia do sertão*, rude, escalavrado, abrupto, sem delicadezas, nuanças e perendengues vistozos de aguarella. E' um sincero. E' um honesto.

E' uma novella de impressão. Os typos têm vida. Não quero dizer que seja regional. O senhor não localizou a trama de sua *Reflexões*.

Espiritalmente, o Zé Fernandes é norista. Fazendeiro ou cantador, não importa.

«Reflexões de uma cabra», deslida da litteratura convencional, amenizada e frivola ou em-

lha as livrarias. Dahi o encanto que tive lendo-a.

Com o seu talento e a sua cultura, não me devo assombrar de tudo quanto lhe acontecer de bem ou de mal, através de livros e jornais.»

— De OLIVIO MONTENEGRO, tal-noso auctor do bello romance *Os irmãos Marçal*: «Li sua novella. E' um trabalho de estour; feito, mesmo, para a agitação e para o successo. Esse Zé Fernandes, cheio de incoherencias sentimentaes, a viver, no sertão, entre o preoccupado amor das bestas e a alegria sensual dos bonitos olhos de Maria Annunciada, é uma criação esplendida. Todos os typos me deixaram tão forte impressão que os tenho frequentemente comigo, na intimidade de meus pensamentos.»

— Do illustrado intellectual paraibano FREDERICO CAVALCANTE: «Agradeço os momentos de deliciosa leitura que me proporcionou com os fragranes sertanejos e as deliciosas ironias, inclusive a que me tocou. Não preciso dizer o meu des-ucionz-do juizo sobre as «Reflexões». Entretanto, não me posso eximir de externar que parece trabalho, só por si, de fazer o nome de um escriptor, se este já o não tivesse feito.»

— Jayme d'Alvillia, grande poeta alagoano e aclamado prosador de *Mil e uma historias*, emisso sobre a mesma novella os seguintes conceitos, no *Jornal do Recife*:

«José Americo de Almeida é o Monteiro Lobato do Norte. Sua novella vem de o provar. E' moldada em estylo simples e de uma pueria magnifica.»

«Reflexões de uma cabra», entram para a litteratura regional como uma das mais valiosas contribuições desses ultimos tempos.

Ha nesta novella, o traço perfeito de um conhecedor de nossas paragens, vistas através de uma lente observadora de grau muito forte.

José Americo de Almeida definiu-se como escriptor de novella, genero aliás difficil em litteratura.

Sua prosa tem um vigor critico admiravel, sem um ar ficcioso sequer que a venha deslustrar.

A iniciativa brilhante de Adhemar Vidal, com a publicação da *Novella* firma-se verdadeiramente com o livro de José Americo, que já era um escriptor muito apreciado.

Os typos desenhados nas *Reflexões de uma cabra* são fixantes, vistos a todo momento até pelos nossos interiores de Estados.

Quem pôsar os olhos sobre a primeira pagina desta novella terá fatalmente que a devorar toda, soffregamente, como fiz, numa hora de prazer intellectual.

E' que ella foi tracejada por um escriptor de relevo, com muita graça e muita originalidade.

Memórias de um antepassado

Capítulo II

De mim mesmo

Uma vez enfaca, não contei história, peguei da penna e do papel mas não escrevi. Não escrevi, digo mal, porque risquei uma folha inteira de papel, embora outra coisa não se lesse em todo o riscado senão o nome de Filó e o meu.

Vontade também não me faltou de traçar com letras grandes o nome da mocinha do chapéu de sol, mas como não sabia qual podia ser, imaginei um que estivesse de acordo com o feitiço da pessoa. Não pensem que foi nenhuma extravagância onomástica, como modernamente se usa nas sociedades civilizadas. No meu tempo não havia dessas modas. Nem dessas nem de outras mais inconvenientes que por ali andam.

Hoje em dia há nomes tão atrapalhados que a gente não pode mesmo atinar a que sexo pertence o dono deles. Depois que inventaram baptizar as crianças com anagrammas dos nomes dos pais a complicação ainda se tornou mais seria. Houve até certo anagrammatista que ia inutilizando o filho com uma dessas combinações positivamente abstrusa. O pai desse infeliz vivente acudia por Tonico e a mãe por Petronilla. Quinze dias antes de nascer o pimpolho já marido e mulher teimavam sobre o nome que devia receber na pia baptismal.

Se fôr menina, disse Petronilla, será Gellula que é o nome da avó.

Mas Tonico que não era homem de idéas avoengas queria que o seu filhinho, a substância de sua substância, tivesse um nome que fosse commum ao seu e ao de sua esposa, ou a fustão dos dois com deontes de syllabas e cuja terminação correspondesse ao sexo do ansiado primogenito.

Felizmente que nada succedett visito que a criança avisada do que lhe esperava no limiar da vida teve a supina idéa de nascer morta.

Eu pensei de mim commigo que mocinha do chapéu de sol não devia chamar-se senão Clotilde. Podia ser também que se chamasse Ambrosina ou Esmeralda. Nesta incerteza abri mão do nome e das lucubrações namoradiças e agarrei o primeiro livro que estava ao alcance, creio que o Rei Lear, mas não peguei nada do que devorei com os olhos. Li-o alguns annos mais tarde e a proposito travei cerrada questão verbal com o Jeremias, meu companheiro de quarto e collega de Faculdade, visto que elle o queria julgar inferior ao Hamlet.

Foi um bate boca que quasi não scaba mais. Nunca dos nunca os manes de Shakespeare foram tão injuriados.

O Jeremias era tido por todos os do nosso

conhecimento na conta de um moço muito lido e não menos aprendido. Era um pôço de saber. Sabia tudo de tudo embora fizesse como o Pacheco do Eça, nunca dissesse nada de nada. A discussão foi tomando vulto e eu que sou caterra de nascença não me deixei ficar por baixo. Como lhe fizesse perguntas á direita e á esquerda e elle m'as respondesse mais canhotamento do que eu lhe arguia, inquiri exasperado se já havia lido o Rei Lear.

— Ainda não.

— E como faz sem o conhecer?

— Ora como faço! Falo porque ouço os outros falarem.

Imaginem somente a minha indignação. Tomei o freio da conversação nos dentes e disse que aquella obra era o maior thesouro da lingua Inglesa, que aquellas paginas estavam salpicadas de philosophia, enfim, que havia nellas mais critica de ficção e mais insinuações aos processos da administração medieval do que em todo o arrazoado do Telemaco de Fenelon. Dito isto, calei-me para tomar fôlego.

Jeremias não se deu por vencido, porém, contestou-me com muitos fôrça. Douse muita coisa a respeito do Hamlet, as quaes eu não ouvi ou não comprehendí, tamanha era a minha excitação. Mesmo que tivesse ouvido não me restaria outra coisa senão aprovar porque eu só conhecia o Hamlet através dos vidros da estante de um meu professor de linguas. Podia ser até que nelle houvesse mais philosophia do que no Rei Lear. Houvesse ou não, nós é que estamos a dizer antes de mim para o outro sem capis-armos do assumpto. Hamlet lá do outro lado da vida devia de ter philosophado mais uma vez da nossa parlenda: — Palavras! Palavras! Palavras! Eu me fui indignando com as idéas desaccisadas que o Jeremias sacava dos miolos para descarregar sobre Shakespeare e assumi uma tal ou qual attitude de superioridade:

— Dar-se-á o caso que você não haja lido também o Hamlet?

— Também não.

— Com que direito diz então que é melhor que o Rei Lear?

Digo porque é esta a opinião do professor Barroso, e o professor Barroso é homem de opinião segura.

Ora bolas, seu Jeremias; va você e o professor Barroso comer formigas.

Esse Jeremias bacharelou-se commigo e achou por bem de morrer outro dia com cincoenta e tantos annos, quinze filhos e muitas dividas.

Já não sei mais onde ia com a narrativa.

Escrever na opinião dos que usam o officio não é mais do que se fazer uma viagem por terrenos impervios e de accesso improfficuo. Cumpre que o empolheiro dessa tarifa marque uma recta do ponto de partida ao de chegada e não tergiverse nem se illuda com as veredas e os desvios que se cruzam em todos os sentidos.

E' astro meu só andar, ainda mesmo nas ruas, a fazer ziguezagues. A's vezes quero ir para um canto e o corpo, este corpo velho dos meus peccados, entende de fazer viagem para outro bem diverso. Salmos nós dois assim, eu pensando que vou para onde quero e elle entendendo de me levar onde é de suas ventas, delle. O mais original de tudo isto é que vamos andando com tanta Amadagem que quem nos visse assim, consubstanciados um no outro, não diria que alli houvesse mais de um individuo. Quando dou accordo de mim estou onde não quero estar. Supponhamos que estivesse na intenção de ir á casa de Filó que fica em Tambiá, quando cuidasse de mim estaria em Trincheiras, ponto diametralmente opposto ou então na esquina da casa Penna, olhando o movimento da rua ou as perfumarias das victimas.

Uma vez eu estava de artoes com Filó e prometti a mim mesmo lá não ir durante dias. Horas depois me surpreendi passeando na calçada della como quem espera uma entrevista. Corpo de minha alma, que fazes aqui? Travei do bruto pelos babados e toquei com elle para tirar a tom de caixa.

A mesma coisa me succede as mais das vezes quando escrevo. A penna vai correndo mansamente sobre o papel, mas quando apparece um engasso qualquer ella recita um pouco e, não sei por que phenomeno de acrobacia, dá um pulo tão destro que quando eu dou commigo, estou a tratar de assumpto inteiramente diverso. Carrego-a para traz e ella me a cabriolar na ponta da cannetta de modo e maneira tres que não há nada que a contenha. Penna d' meus cuidados, toma brío em teu procedimento e considera que a paciencia do leitor não é feita nem de borracha, nem de sola, nem de metal como tu! A paciencia do leitor, penna de meus cuidados é tão elastica como o ar, mas quando aquecida pelo fogo de um enredo mais complicado que o Labyrintho de Creia, ou mais aventuroso que as diabolicas figuras de Ponson du Terrail, ou mais desbragado que a lubricidade soez dum Lovelace letrado.

A HISTORIA DO TELEPHONE

O EXITO DESSE INVENTO ESTÁ INTIMAMENTE LIGADO AO NOME DE D. PEDRO II, IMPERADOR DO BRASIL.

O telephone, esse maravilhoso instrumento do progresso, graças ao qual o homem civilizado já não conhece distancias, e que é hoje tão indispensavel á vida das cidades como a propria luz rasceou, como toda obra do engenho humano, de prolongados estudos e morcosas experiencias. E' com esse pequeno e admiravel apparatus, repetiu-se ainda uma vez a historia de todos os inventos, que, apesar de serem considerados verdadeiras maravilhas da ciencia e elementos essenciaes ao conforto, encontraram, no entanto, ao apparecer, mais do que a incredulidade, a má vontade de todos. Foi, assim, com o apparatus de tear para a fabricação dos tecidos; foi assim com a machina a vapor e com tantas e tantas outras maravilhas scientificas, que seria fastidioso enumerar aqui.

Assim pois, linhas abaixo veremos que a historia da invenção do telephone é uma contra a apathia e a indifferença e de grandes esforços para interessar o publico em um novo invento. E neste ponto é particularmente grato a nós brasileiros — e é justamente por esse motivo que nos resolvemos a falar do telephone — saber que o exito desse admiravel invento está intimamente ligado ao espirito brasileiro. Não é que como o aerostato, o dirigivel e o aeroplano, o autor do invento fosse um brasileiro, mas é quasi tanto, porque se não fosse um filho deste paiz, a invenção poderia ter ficado ignorada, pelo menos ter seu desenvolvimento soffrido um atrazo de muitos annos. E quem poderia ser esse brasileiro, que de maneira tão honrosa ligou seu nome ao telephone?

Nada mais nada menos, do que D. Pedro II, o imperador do Brasil, espirito de elevada illustração, que tão boa fama angariou para sua terra.

O facto assim se passou: Alexandre Graham Bell inventor do telephone, recentemente fallecido, era um joven escocês, que havia apprendido, á sua propria custa, um pouco de anatomia, musica, electricidade e telegraphia e, aos 28 annos de idade, em 1871, leza na Universidade de Boston, Estados Unidos, conferencias sobre a «palavra visivel». Alto e de complexão delgada, de cutis pallida e olhos brilhantes, e barba trissada, tinha muito da apparencia que geralmente se imagina para um inventor. Seu temperamento era o de um bohemio scientifico, com idéas de sabio e disposição de artista: sempre entusiasta e ardente, quando se embetia num problema, o resto do mundo para elle não existia. Felizmente, visto que não dispunha de outros rendimentos senão o que ganhava para viver, do

que, aliás, frequentemente se descuidava para se dedicar á sua applicação de transmitir a voz por um fio de arame. Bell encontrou dous homens que lhe emprestaram o apoio pecuniario, tão sufficiente apenas para proseguir nas suas experiencias e para prover a sua subsistencia. Durante muitos annos trabalhou em

apenas um ruido, mas não falara. Auciioso, como ferna mãe que observa os esforços de seu filho que começa a balbuciar, Bell alentava e observava o filho de seu cerebro. Não obstante, quasi um anno se passou, sem que elle lograsse transmitir uma phrase perceptivel pelo fio.

Foi, então, que a fortuna veio em seu auxilio. Poucos meses depois que o telephone falara pela primeira vez, realizou-se em Philadelphia uma exposição para commemorar o centenario da Independencia dos Estados Unidos e Bell obteve um pequeno local para exhibir seu telephone. Alli permaneceu o instrumento durante seis desconsoladoras semanas mal chamando a attenção dos visitantes. Finalmente, um domingo os membros do jury da exposição, deviam fazer um gyro de inspecção e o inventor os aguardava com ansiedade. Soou a hora, mas elles não appareciam, retidos, noutros pontos da feira. Quando por fim, chegaram ao poste do telephone quasi todos se sentiam fatigados e desejosos de se irem embora, e de tal maneira que muitos passaram adiante, sem dar attenção ao trabalho de Bell! Foi, então, que occorreu o inesperado acontecimento que devia marcar o triumpho definitivo da obra de Bell.

Do grupo dos espectadores, destacou-se, de barbas louras e aspecto distincto, um que apertou a mão ao professor Bell, cumprimentando-o como a um velho amigo. Era D. Pedro, imperador do Brasil, que alli estava em visita á exposição e que, em época anterior, tivera occasião de se interessar por uma conferencia de Bell sobre a «palavra escripta». Estava ali uma oportunidade para o joven inventor, e elle, sem vacillações, aproveitou-a. Já agora, muito attentos, os membros do jury se agruparam em torno de Bell, quando este deu o receptor ao imperador, que o levou ao ouvido. Bell dirigiu-se ao transmissor que ficava á certa distancia e nelle pronunciou algumas palavras. Immediatamente viu-se na physiognomia de D. Pedro uma expressão de grande assombro e ouviu-se-lhe exclamar:

«Meu Deus! Mas isso fala!»

E só com isso ficou garantido o triumpho de Bell. Só restava, agora, aperfeçoar o apparatus.

E hoje o telephone é esse instrumento poderoso, que não conhece longitudes para transmitir com fidelidade tudo que a voz humana lhe confia.

E eis como na historia do telephone está ligado o nome do Brasil, por intermedio de um dos seus grandes e benemeritos filhos, como o foi D. Pedro II,

SOCIAES



Mrs. Francis Campos, da elite social de Campina Grande

seu atelier, rodeado de apparatus mysteriosos de toda sorte, seguindo hoje uma idéa e abandonando-a amanhã, para por em pratica uma outra.

Na tarde de um calido dia de Junho, isto em 1876, quando trabalhava no seu apparatus, ouviu neste um som ligeiramente perceptivel: era isso justamente o que o inventor estivera esperando durante muitos annos. Tratava-se da reproducção de um som produzido num quarto distante e transmitido por um arame. Tanto bastou para que Bell comprehendesse que estava a ponto de conseguir bom resultado. Entretanto, a machina havia produzido

LIVROS & REVISTAS

Recebemos os seguintes jornaes e revistas: *Correio de Aracaju e Diário da Manhã*, de Aracaju; *A Noticia*, de Natal; *Commercio de Laranjal*, Laranjal (S. Paulo); *O Arado* Cabo Frio (Rio de Janeiro); *Liga Maritima Brasileira*, *America Brasileira*, *Aurora e Revista Souza Cruz*, Rio e *Terra Natal*, de Natal.

«O DR. EPITACIO PESSOA E O FUNCIONALISMO PUBLICO» — Typ. Besnard Frères.

Temos sobre a banca de trabalhos um exemplar d'«O dr. Epitacio Pessoa e o funcionalismo publico», brilhante discurso proferido na Camara Federal, na sessão de 14 de junho do corrente anno, pelo nosso illustre conterraneo, deputado Octacilio de Albuquerque.

Nessa peça oratorio do congressista parahybano, s. exc. faz um estudo completo da personalidade insigne do Presidente Epitacio, que se tem revelado desde os primeiros dias de sua administração um dos maiores defensores dos interesses do funcionalismo publico.

O dr. Octacilio de Albuquerque, em torno ao projecto do senador João de Lyra Tavares faz alguns commentarios, enaltecendo o valor do árduo trabalho do eminente financista rio-grandense do norte, que alcançou desde logo o apoio moral do sr. Presidente da Republica.

A s. exc. agradecemos a remes-

sa do folhetim contendo o seu scintillante discurso de defesa ao exmo. sr. dr. Epitacio Pessoa.

«NUESTRA AMERICA»:—Vimos de receber o numero 31 da «Nuestra America», o fulgurante magazine que se vem publicando em Buenos Aires, desde 1919, sob a direcção do apreciado homem de letras e jornalista F. Stefanini.

«Nuestra America» é uma revista mensal de difusão cultural americana, como bem diz no seu texto com trabalhos literarios de figuras do mais alto merecimento nas rodas intellectuaes da America Latina e de Norte America.

Representa essa excellente publicação portinha uma grande conquista das pujantes letras argentinas, senão da propria literatura sul-americana.

Com uma tiragem de milhares e milhares de exemplares, que são distribuidos pro-fusamente em todos os centros de cultura municipal, a revista de Enrique Stefanini hoje considerada, merecidamente, como das melhores publicações no seu genero.

Collaboram em «Nuestra America», as pennas mais scintillantes da mentalidade americana.

O numero 31 dessa conceituada revista contem escriptos de conhecidos intellectuaes argentinos, brasileiros, uruguayos, mexicanos, colombianos, costarricenses, nicaraguenses e peruanos, que versam de preferencia assumptos verdadeiramente regionaes.

Ficamos gratos á offerta gentil do sr. E. Stefanini.

DEPOIS DE MEIA NOITE...

— Benjamin Costallat —
Casa editora—Leite Ribeiro.

Surgiu recentemente na publicistica brasileira o melhor livro de Benjamin Costallat, intitulado «Depois da meia noite...» apparecido entre nós em 5.ª edição.

Mais uma vez o apreciado homem de letras carioca revela-se nos nessa obra o admiravel romancista e fino chronicista que o é inconiustavelmente.

O renome de Benjamin Costallat, como um dos nossos mais fulgurantes escriptores, desde ha muito que foi assegurado pela publicação da *Luz Vermelha e Matt, Jeff & Co.*, livros que são o sufficiente para garantir as culmineas de «immortalidade» quem os escreveu.

«Depois da meia noite...» traz illustrações do caricaturista Chin, dando inicio á referida obra literaria as seguintes palavras de Benjamin Costallat, que trasladamos para as nossas columnas com a maior satisfação:

«Gosto da noite e dos bonecos horribrosos que a povoam. Prostitutas e miseraveis são os melhores themas da tragedia humana. Esses polichinellos de desgraça é que nos fazem comprehender o encanto da vida a vista longe della, longe das suas mentiras, longe dos seus beijos artificiaes longe dos seus farrapos, a vista em pleno dia, a poucos pulmoes, em plena sinceridade!

Gosto da noite porque ella me faz adorar o dia!

Tudo na existencia é paralelo, conhecer a miseria e não soffrel-a, é uma forma de ser feliz. Não é pois uma obra immoral a que faço.

Se mostro, quasi cynicamente, a prostituição com todos os seus detalhes infamantes, é como se eu dissesse—vejam como é bom ser honesta, ter uma casa, uns filhos, um marido, tanta coisa a que se quer bem e que nos dá, em troca, amor, conforto, limpeza moral!

Em «Depois da meia noite...» não procurei fazer episodio de ficção. Procurei traçar, com cores nocturnas um ambiente em que varios episodios reais, tirados, ainda quentes da vida, se desenrolam como na vida, e onde uma quantidade fantastica de personagens se agita, personagens visíveis e invisíveis em plena noite.

O que se procurou não foi agradar ao leitor com uma narrativa—estamos longe do romance policial—foi collocar a diante de um quadro, um quadro verdadeiro de todos os dias, forte de tintas e largo de facturas, mas para o qual ninguem sufficientemente olha como elle realmente é...

Não é uma historia de fadas a que vou contar. O tempo das fadas acabou. Mas poderia assim começar:

Era uma noite...

O livro de Benjamin Costallat é desses raros da litteratura nacional, que todos os amantes das boas letras devem conhecer.

NAQUELLE internato, escondido entre montanhas, numa pequena cidade do nordeste, o Theodoro se distinguia dos outros pela sua incorrigivel opacidade intellectual. Em numeros esbarrou na divisão. Questões que tivessem dois algarismos no divisor, tinham para elle difficuldades infinitas. Não as transpunha. No estudo, enquanto os outros preparavam suas tarefas e lições, o Theodoro dormia profundamente. Nem ouvia o bater da sineta azarimante. Precizava que o viessem arrancar da carteira, cambaleante, estremunhado. Em compensação crecia e engordava, desmedidamente. Aos dōze annos tinha já a altura de um homem e o volume de um joven hypopotamo. Era muito natural que os pronomes pessoais com os seus mysterios e suas caprichosas variações fossem com as impensaveis para ell' espirito envolto em nevas e embaçado. E orô que se viu.

Lá num domingo, foi o Theodoro pedir ao director permissoão para que o José, um pequeno empregado, no passeio da tarde pulesse tambem saber «mas nós».

O director, que ensinava o portuguez, sentiu um calafrio, mas tomou-se, e deferiu o pedido. Não qu' rendo, porém, que a lingua ficasse assim violada impunemente em sua presença, ponderou-lhe:

— Olhe, Theodoro, está attendido. Podem levar o José, mas, de outra vez, não diga «mas nós». Não está certo. Deve dizer: «com-nós».

O Theodoro, de olhos apagados, ouviu a lição, e retirou-se.

Passam-se alguns mezes. Certo dia, no recreio, Theodoro, ouvindo um seu collega, em converso, soltar um fatidico «mas nós», interrompeu-o bruscamente:

— Que está dizendo? Então, você, ha tanto

tempo no collegio, ainda não sabe falar direito a sua lingua? «Mas nós» é uma cavallice... uma estupidez... O certo é dizer: «mas nosco».

E.

NELSON DE QUEIROZ GAREIRA

Cirurgião Dentista

Executa, com cuidado e correção, os mesteres concernentes á sua profissão.

Consultorio: PRAÇA PEDRO AMERICO, 76.

Expediente - 7 ás 14 ho as

D'“O jardim das fontes silenciosas...”

Para Alvaro Moreyra, o lindo poeta de “O OUTRO LADO DA VIDA”

A saudade — A saudade . . . não, nunca outra falar da saudade . . . E eu tive uma immensa pena em explicar-lhe que a saudade só vivia para nós, que, sendo verbo e idéa como alma e corpo, ella não a podia sentir, porque elle não conhecia o nome. E falei-lhe muito da saudade, disse-lhe muitas vezes, no pequeno vocábulo, o poema da alma lyrica da minha terra . . . E ella m'ô repetiu com ternura, num momosinho delicioso, que traía o esboço do accento peregrino, os olhos muito abertos, na alegria daquella iniciação. Tempos depois, vieram-me as suas primeiras cartas, e a saudade andava por ellas como um perfume doente . . . Sofria, mas era feliz, e agradecia-me o tê-la iniciado no dulce martyrio . . .

A multiplicidade do ser — Onde fica um pouco do nosso coração e do nosso espirito ahí deixamos sempre uma parçela, embora infinitamente pequena, do nosso proprio ser. A alma da gente vive, assim, disseminada por tudo que teve um fremito do nosso amor. Felizes, pois, os que amaram muito, porque se multiplicaram, na distancia e no tempo, na essencia de outras almas . . .

Imperfeição — Aos homens, na maior parte, não preocupam os ridiculos e as eivas de que se não pôde livrar, ainda mesmo nas suas expressões privilegiadas, a natureza humana. Como todos os individuos foram vasados no mesmo modelo divino, os que não evidenciam aberrações ou monstruosidades se julgam mais ou menos perfeitos, segundo a gente o pôde ser no transito de hoje. E, porisso, ainda há alegria e ventura, ainda a vida corre como um sorriso, macia, sonoramente, como a voz das fontes ou um fio de mel claro e perfumado do cantaro de Chloé, no tempo pastoral dos idyllios campezinos, ao som das frautas agrestes . . . Aquelles, porém, que se deitêm, um momento, meditando a nossa desolada imperfeição, são sempre tristes. Vejam-se os enamorados da belésa. E considere-se na angustia inexprimivel desses homens que vivem do anseio delirante de fixar em linhas eternas a belésa que não ha na terra.

Diante da Venus de Milo ou do Apollo de Belvedere, um homem de emoção deve sentir, a primeira vez, o fremito da belésa. Mas é apenas um fremito, que logo cessa de agitar-

nos, deixando-nos desencantados, a idéa de que a belésa pura, integral, não tem expressão humana, e só pôde viver na pureza e gelada immobiltidade daquellas formas, plasmadas a vibração de um serio destino . . .

A gloria de ser feliz — Só na desventura pôde o homem sentir bem, com toda a sua alma tortura de viver, a gloria de ser feliz. A

EM CAJAZEIRAS



Senhorita CECY MATTOS—filha do coronel JOAQUIM MATTOS.

felicidade, como nós a compreendemos e procuramos, insoffridamente, todos os dias, é uma sensação muito dos sentidos inferiores, quasi brutal. As horas inquietas e afflictas é que decantam d' impurezas a alma da gente e a elevam, no culto commovido e na saudade da vida distante, aos alcandôres da perfeição e da summa alegria.

A obscura saudade — Não sei se já liveste assim, um dia, numa hora languesciente, como afflicção de uma saudade ansiosa, inexprimivel, indefinida . . . a saudade de uma creatura que passou um instante na tua vida, de uma palavra que ouviste, de um gesto, de uma paisagem em que uma vez demoraste os teus

todas as vidas obscuras, de tudo o que para nós irrevocavelmente se perdeu . . . é o fremito de sympathia humana que nos prende a todos os seres e a todas as coisas, na consciencia dos nossos destinos identicamente vários e tristes . . .

Esperança — Dizem que os suicidas são os homens que perdem a esperança. E' um vélho erro esse. Não ha homens sem esperança. Os suicidas, é ainda ella que os léva ao seio da morte. Nalguns, em quasi todos, a esperança do repouso absoluto, da trégua definitiva, do aniquilamento . . . Noutros, até, a tentação de uma volúpia inédita, de uma suprema volúpia . . .

Afflicção . . . — Não! Não é assim. Tu não podes, talvez, comprehendêr este mystério profundo. O que me faz soffrer com desespero, e me apavora, e me dá estremecimentos de susto, não é a minha enorme desventura de hoje. Não sei por que, chego a ser feliz no meu infortunio. A minha dôr é tamanha, que já se mudou numa estranha volúpia. Estou tão acostumada a soffrer . . . Sabes? Eu acabaria amando-a, sendo toda, inteiramente, feliz dentro della, comtanto que não mudasse nunca, que fosse sempre a mesma, immensa, dominando a minha vida, numa perennidade absolutamente immutavel. Mas . . . quem sabe? O destino . . .

Que é o que virá ainda? Vês? E' o que me horroriza . . . o destino . . . as sorpresas . . . os golpes fulgurantes . . . as vicissitudes da desgraça . . . esta marcha para um fim obscuro, longinquo . . .

Calou-se, muito branca e muito linda, na meia obscuridade da noite illuminada de estrelas. Sentimo-nos ambos gelados do mesmo religioso terror do desconhecido. A via-láctea, no alto, era como um grande rio paradisiaco, rolando, silencioso, num leito de ebano, para o sempre, as suas aguas ardentes de crystal.

LEOPOLDO PÉRES

CAMISAS E PIJAMAS ?

Uma opinião unanime! — Todas

CARTAS

DE

MULHER

Um jovem e illustre medico escreveu, por desfastio, no penultimo numero desta revista, uma interessante pagina sobre o rejuvenescimento dos velhos.

O dr. Elpidio de Almeida, que firmou com o prestigio e o encanto do seu nome essa pagina e que é alvo de enleiantes olhares femininos, entre os quaes destaco os de formosa serrana, não sabe o que é a dôr de envelhecer tão verdejante e a sua mocidade ainda.

Se oouberra, tivera nos deixado certamente, na illusão de que a ligadura dos vasos ovarianos, preconizada por Durssen, pudera fazer ainda restorir todos os encantos que os annos emmareleceram.

O homem pôde supportar com maior ou menor indifferença o seu envelhecimento, a sua desvirtilização. Pouco soffre a sua estrutura as linhas que lhe definem o conjuncto desgraçoso, nessa lenta, e dolorosa, e profunda, e inelutavel, desintegração dos tecidos.

Mas a mulher não o tolera. É uma eterna revoltada contra o tempo, que lhe encova as faces e lhe encera a pelle, deformando-lhe as linhas estruturales do seu sexo. Pois não é a velhice uma enfermidade que ataca a nossa belleza? Não é ella como a anticipação da nossa morte, senão a propria morte?

Entre certa tribu que habita a Polynesia, o horror á velhice culmina na destruição dos velhos. Matam-nos. É uma tocante cerimonia acompanhada de cançoes e funebres, sob o livido clarão de tochas que se accendem enquanto dura a tragica agonia na noite profunda.

Será que o selvagem haja formado já uma ideia rudimentar da circulação das forças e da materia, em virtude do que o individuo destruido na apparencia não o é na realidade?

Compreenderá elle já que os elementos plasticos que o constituem possam, depois de apparentemente destruidos, voltar á vida sob novas formas, resurgindo no calice de uma flôr, ou nos turgidos seios de uma virgem? Pensará elle que a morte é um renascimento? Não o creio. É, antes, a expressão desse terror sagrado que lhe inspiram os velhos.

Nós mesmas quantas vezes reclinamos horrorisadas, como se estivamos em presença de alguma daquellas appareções phantasticas dos contos tragicos de Hoffmann, quando o espeelho nos adverte do primeiro cabelo branco, da primeira ruga que nos vinca traiçoeiramente o rosto?

Começa, então, desde esse instante, o nosso angustiosa soffrimento a nossa dôr de viver. Não nos conformamos. Imprecamos o tempo o sol no seu giro eterno. Se nós pudermos pararmos o astro rei, como Josué o fizera nos hiblicos tempos, e o retivermos, como se retém os noivos, hoje, entre beijos, nos cantos das janellas. Mas não o podemos. O sol não gosta, e mo os homens, da volupia dos nossos labios. Restava-nos appellar para a sciencia, como o fez agora, segundo o «Daily News», de New-York, um multimillionario, o sr. Harold F. Mc Cormick, que não foi feliz, segundo reza o referido jornal, na operação a que se submettera, a fim de reconquistar os attributos da juventude.

Não posso fugir á fascinação de exercitar aqui o trecho desse jornal, quando se refere á operação autoplastica, que tanta sensação causou nos círculos scientificos e mundanos da metropole «yankee», endereçando-o, de preferencia, ao dr. Elpidio:

«The gland transplantation by means of which Mr. Mc. Cormick had hoped to slough off half his fifty-one years, was not completid.

«For a reason not yet divulged-it may have been the publicity given the case — dr. Victor Lespinasse did not make the gland transference».

Que devemos, pois, fazer? Como se subtrahir ás leis do tempo e conservar a juventude? A cirurgia é falha.

Encarecemos ao dr. Elpidio a formula especifica, que não a encontrará, de certo, no amor... porque o amor é traçoeiro e é o maior inimigo da nossa belleza, nas suas variadas e pittorescas formas de ser e de se manifestar.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Eu não tenho notícias de que se haja pronunciado, ultimamente, no meio em que vivo, uma conferencia tão utilitaria, tão verosimil e tão patriótica, como a que foi realizada no Lyceu Parahybano, a 14 de julho do anno transacto, pelo dr. Alvaro de Carvalho.

Por uma das mais caprichosas modalidades do meu exquisito temperamento no pesquisar os homens e as coisas, preferiria, talvez, falar desse trabalho em occasião que não a presente, pelo destaque representativo que desfructa, na actualidade, o seu illustre autor.

Perdoem-me, porém, os leitores se ha algum vislumbre de inopportuniidade, no rabiscar estes commentarios.

Puz-me em contacto com as idéas do dr. Alvaro de Carvalho, muito depois de sua palestra no Lyceu Parahybano e somente quando ella veio a se enquadrar na feitura elegante de um folheto, tornando-se a volante mensageira de idéas muito nobres e de intuitos reformistas.

Ella na realidade, é um clarão que dissipa as trevas onde se movimenta a mór parte da nossa mocidade.

Lendo-a, tem-se a sensação do entusiasmo.

Nas suas entrelinhas, predominam o senso pratico das coisas, a realidade dos factos diarios a agudiz penetrante de uma fina observação de sociologo, o estylo sobrio, equilibrado, e, finalmente uma intelligencia que não dispersa e nem malbarata, mas que reúne e economisa, pesquisa e constróe.

Examinando-a, não se precisa conhecer a pessoa que a engendrou para se ajuizar de como ella procede na formação dos caracteres de seus filhos.

Educar é formar caracteres.

E aquelle que nas escolas, nos lares, nos campos, na imprensa, na tribuna, nas officinas, nos estaleiros, nas fileiras, concorre para essa formação, não poderá deixar de ser um educador.

Nos albores do meu curso de madureza, nunca me deixei seduzir pelas profissões que de ha muito veem constituindo o alvo, para onde convergem as vistas dos candidatos a boas propinas, a elevadas posições na sociedade e ás figurações enganadoras e fatuas.

Enveredel por caminho diverso a despeito de frequentes e previos avisos sobre futuros embarcações, que se me podiam surgir na vida publica.

Depois, quando se reunia na visinha capital do sul, em 1917 um Congresso de Estudantes, fui impellido, por exigencias de momento, a desilustral-o com a apresentação de u'a memoria sobre ensino profissional.

Servirão essas duas circumstancias de credenciaes irrisorias para a estulta empreitada a que

me propuz de falar sobre o trabalho do dr. Alvaro de Carvalho?

O autor esboçando o esboço de educação profissional para discutir não poderia ser mais feliz do que o fui, fazendo-o no meio da mocidade de um lyceu, com meio de esperanças e entusiasmos arrebatadores.

EM SOUZA



Deputado José Ometz de Sá - 1.º vicepresidente da Assembléa Legislativa.

Trata-se da adaptação de u'a idéa e como a adaptação de u'a idéa equivale á de uma planta, claro que o factor mesologico tem capital influencia.

Isso não passou despercebido ao autor da conferencia e talvez fosse uma das razões, que mais concorreu para isso o pequeno livro do autor com a cêra moldavel da infancia escolar, nos tempos em que professa o magistério no interior.

O «Moço almofadilha physica e moralmente repellente», praga cancerosa que se see irradiando nos grandes meios do quiz experimentou, da parte do autor da conferencia, o estigma rubro e incandescente de um ferro em brasa.

Elle foi impiedoso e algoz, como se deve ser, para com essa classe. O prestigio das almofadilhas descansa sobre os deficits da nossa educação, como bem demonstra o conferencista.

E onde vamos encontrar esse prestigio, que não é bem um prestigio e sim uma epidemia? Nas avenidas, nas portas dos cinemas, em ex-

posições quotidianas de faces e labios carminados e sapatos ponte agudos,

Um moço nas mesmas condições de idade e de temperamento que se exercite na rubrica de um arado, no guidão de um tractor, no manejar de uma plaina, finalmente, que tiver como certificado do trabalho umas mãos callosas, difficilmente mostrará tendencias para a classe dos almofadinhos — perigoso espciente da degenerescencia de um povo.

A melindrosa, que se requinta em gestos de caxigero nas poses estudadas, sem a noção do trabalho, sem o ideal do utilitarismo, é merecedora de amparo, pelo correctivo do ensino domestico agricola.

Ha bem poucos dias, um dos meus melhores amigos regressando da America do Norte contava-me com uma faculdade de attracção irresistible, toda sua, a educação profissional naquelle meio yankee.

Orto disse, o dr. Alvaro de Carvalho diz na sua conferencia: «entre americanos do norte de nascimento ou adopção não cresce a vegetação daninha da vagabundagem á brasileira. Ali morreriam afogados no ridiculo e no desprezo publico, essas reles plantas de estufa que são em nossa patria, almofadinhos e melindrosos».

O autor prognostica que scabaremos uma nacionalidade de bu-orratas e professores se persistirmos em trilhar esses caminhos.

Nesse particular, a meu ver, cabe ao governo controlar a questão, applicando medidas severas para diminuir essa avalanche de candidatos a cargos publicos estabelecendo os exames rigorosos, afastando intervenções extrinsecas, premiando o esforço, multiplicando as escolas de artefices pelo interior dos Estados, criando o ensino domestico agricola orientando os programas das escolas nas exigencias de uma pratica salutar, disseminando os cursos de chimica industrial nos logares onde elles se fazem necessarios e ensaiando uma emigração compativel com o meio.

Um outro aspecto que o autor encarou, incriminando-o como responsavel pelo que se observa na formação do caracter brasileiro, é a educação no lar, «saturada de carinho e excessivos afagos».

Mas o que valorisa o trabalho de que me occupo é sem duvida o resultado das observações que o autor vem realizando no campo pratico das realidades. Elle não fôra de ostiva, imbuido desse surto theorico que é o apanagio de muitos conferencistas e educadores. Elle fala com o conhecimento da experiencia.

E por isso o seu apostolado é de intelligencia e de realização.

Bacharelando Vieira d'Alencar

VIGILIA

Do Esquival Wanderley

LIMA JUNIOR

Acaba de entrar, sob os melhores auspícios, para o corpo redaccional desta revista o sr. Vieira d'Alencar, que vem actuando no senario intellectual da Parahyba como um dos rebenitos mais formosos da nova geração.

Esta revista, que já tem publicado diversos trabalhos de sua penna, tem hoje motivos de justo desvanecimento contando-o no numero de seus rellactores principaes.

Congratuamo-nos, pois, com os nossos leitores pela entrada para esta revista do brillante intellectual, de cuja cultura e capacidade de trabalho muito ha de esperar «Era Nova».

*De contar, minha voz já estava rouca,
Não pensava, jamais, em fim de mez...
O rico cabre de champagne que espouca
De certo, foi p'ra isso que se fez!*

*Sentindo um peso na cabeça deca...
En cheguei tarde em casa, certa vez,
Tinha um gosto a subir ao ceu da bocca,
De cabo de chapéu de sol de inglez...*

*As horas, eram já, não sei bem quantas...
Mas vejam só que somno entrecortado!
E eu pensava dormir até ás tantas:*

*Cocoritou um gallo a noite inteira,
Um menino chorou, desesperado,
Mtavam galos trépadós... na biqueteira!...*

Natal, 1922

DON GIL

De ha muito vem prestando os seus serviços a este magasino o nosso confrade Lima Junior com bastante intelligencia e efficiente esforço.

Assignalamos com viva satisfação neste ligeiro registo, a lealdosa cooperação do nosso novel companheiro como justa compensação a seus meritos.

Valemo-nos do ensejo para declararmos que o sr. Lima Junior tem attribuições especiais para promover a propaganda commercial da «Era Nova», lhe havendo sido outorgado amplos poderes para resolver quaesquer negocios neste sentido.

NOTAS THEATRAES

(Especial para "ERA NOVA")

Em outras épocas, posta ao lado a influencia das festas do Centenario, a presença de Mascagni, no Rio de Janeiro, era por si só bastante para trazer em reboliço o meio musical carioca.

Haveria, como aconteceu com Strauss, o agressivo banquete onde um orador escolhido... por si mesmo diria muitas cousas bonitas da pessoa do famigerado maestro gioria, exposita ou qualquer cousa parecida do «briço da jaundade», «da patria de Dánte e Miguel Angelo», seguidas de evocações mais ou menos patheticas de Florença e Veneza, da morte de Wagner, etc., etc.

E não ficava nisso e nem preciso enumerar, uma por uma, as et-passas das manifestações tribuadas ao compositor da *Iris*.

H je o caso foi um pouco diferente: o popular auctor da *Cavalleria Rusticana* só teve uma recepção, a da escola de côros do Theatro Municipal, instituição fundada pelo empresario Mocchi em obediencia a uma clausula do contracto que lhe garante a exploração do referido theatro, por espaço de cinco annos.

O Centenario com a chegada diaria e em massa de personagens illustres de todos os paizes, o contacto diuturno de celebridades mais ou menos equivocas estão curando o exagero carioca que se comprazia, delirante e febrilment, a applaudir, como *claque* surda e invariavel, toda a sorte de *maiores do mundo* que os no-sos empresarios importavam.

Esse nosso *refrain* classificativo foi bem apauhado pelo estrangeiro e não chegava *ando*, no Rio de Janeiro, que não fosse o *maior*, ou melhor, o *menor do mundo*.

Aproveitemos a oportunitidade para passarmos a espectadores, que a posição de *claque* gratis está fóra da moda.

Foi uma festa intima a recepção de Mascagni, um dos urso official, outro fóra do protocollo berrado por um italiano que appareceu subito e que gesticulava qual molinho, dando murros na cadeira, dizendo que fóra soldado

Trajava sem esmero e sem collete.

A pesada corrente de ouro que lhe atravessava o ventre só seria bem interpretada em Portugal.

Seu todo de esmponho búlgaro não é sympathico gesticulando como bom italiano; sua cabeleira, quasi branca, acompanha sinuosamente como aureola a conformação significativa do crango.

Sentaram-se todos. Costallat começou o discurso.

Benjamin Costallat, o director da escola de côros, é um dos poucos, no Brasil, que deixaram o terreno falso de criticas aos trabalhos repisados de artistas estrangeiros feitos ás pressas para as *ultimas horas* do jornal para assumir o papel concienie de animador da arte lyrica brasileira. Não a teremos já, concorao, porém seu esforço infatigavel de moço e trabalhador ha de constituir a base do futuro theatro lyrico nacional.

O seu discurso saudando Mocchi e Mascagni é uma afirmação energica de que não estará longe esse futuro, pois em menos de um anno a sua escola deu um grupo de coristas de mais de cem vozes e 4 cantores contractados pelo empresario para a companhia do Municipal.

É um exemplo exuberante de nossas possibilidades canoras, raramente alcançado.

Depois os alumnos cantaram os côros de que ja falei, seguindo o ensaio do Guarany e da *Iris* que seria cantada na noite seguinte para estreia da companhia e da sra. Gilda Dalla Riza.

Rio — Setembro — 1922.

EM S. JOÃO DO CARIRY



Sra. SINHÁSINHA RAMOS

de Dannunzio, etc., além de três paginas da *Iris*, do Mephistopheles e do Guarany cantadas pelos alumnos da escola.

O maestro entrou no acanhado salão, disposto em amphitheatro, precisamente ás 9 horas.

NOTAS ELEGANTES

HYPOCRISIA

Dentre os vícios que tocam a miséria humana, a hypocrisia é, sem duvida, um dos mais ridiculos e que mais têm influido na degenerescencia do caracter.

Hypocrisia é mentira, falsidade, traição.

Entretanto, é este o vicio mais arraigado na sociedade, em cujo seio a perfidia subjuga a consciencia.

E não é somente na ignorancia e nas classes inferiores que a hypocrisia tem seus subditos, mas é justamente nas altas camadas sociais, onde fulge em os requintes da polidez e da cortesia que ella ostenta seus lampejos de fogo-fútilo.

O hypocrita, para ser agradável, trae suas convicções e sacrifica a propria consciencia.

A seu ver, a lisonja e a censura, o sarcasmo e o elogio valem igualmente, correspondendo ás conveniencias da occasião; oha tudo pelo prisma do interesse e da vaidade.

A cada passo que damos a hypocrisia disimulada na graça do riso, na expressão do olhar na gentileza das maneiras e no affecto das palavras.

Vemos o adúlador que é, por assim dizer, a encarnação perfeita da hypocrisia.

Elle serve-se da mentira da calunnia e outros meios indignos para se dar amigos ou se fazer admirado. Cedendo ás exigencias do interesse que lhe domina o espirito, desce até a humilhação repugnante e ignominiosa.

É principalmente na politica, onde este vicio é um mal inveterado que, encontramos o adúlador; homem sem palavra, sem firmeza, de caracter que facilmente se avilta ás prescripções do servilismo.

Carece de autonomia que lhe sirva de base ás ideias; falta-lhe esse incentivo que leva o homem a manter sempre de pé a sua honradez, a sua palavra.

Entes há perniciosos sem dignidade, que não prezam a sua reputação e muito menos a alheia. Têm por divisa o cynismo e a mentira que lhes sai dos labios com a maior naturalidade sob o colorido mais ou menos variado da phrase. Em seu coração, afeto ao mal, só ha voluvidade, indifferença, corrupção enfim.

São todos legítimos representantes dessa fraqueza deploravel que arrasta uma grande parte da humanidade á degradação moral. A. S.

ANNIVERSARIOS:

Occorreu no dia 6 do andante a data natalicia da senhorinha Adelia Jorge de Carvalho, preñada filha do sr. Alvaro Jorge de

Carvalho, conceituado negociante desta praça.

DIA 13: Foi anniverario a gentil *mlle.* Elzora y Pá de Albuquerque, directa filha do dr. Carlos C. de Albuquerque, secretario do Superior Tribunal de Justiça.

Occorre hoje a data anniversaria do estimavel cavalheiro Arnaldo Fozes Guimarães, funcionario federal nesta capital.

Figura de largo conceito na sociedade parahybana, o sr. Arnaldo Guimarães recebeu de certo hoje innumeras felicitações.

Cumprimentos.

DIA 20: A grãd senhora Corina Neves, applicada aluna da Escola Normal e filha do dr. Octavio Neves, juiz de direito de Alagôa do Monteiro.

DIA 21: Passará nesta data o aniversário do illustre *conventor* de Arvides Soares, director do *Arquivo Nacional* e figura de relevo na intellectualidade moça do Nordeste.

DIA 25: *Mme.* Luiza Medeiros, dignissima esposa do nobre illustre collaborador pol. Coriolano de Medeiros.

Acad. Romualdo Rolim, secretario do Theatro do Estado.

DIA 27: Dr. João da Matta C. Lima, digno collaborador desta revista e leal do Lyceu Parahybano.

DIA 28: A exma. sra. d. Amelia Regia Leal, viúva do inextinguivel parlamentar parahybano dr. Antonio Simão dos Santos Leal.

DIA 29: A preñada senhorinha Paula Siqueira, filha dilecta do cel. Heracio Siqueira, terá nesse dia registado o seu natalicio.

Este auspicioso acontecimento, tão caro aos seus dignos genitores e innumeras amigas, proporcionará á *mlle.* Branca a oportunidade de constatar o grande numero de sympathias que lree na *elite* social parahybana.

A' graciosa aniversariante endereçamos affectivamente as nossas effusivas saudações.

DIA 30: Occorrerá a 30 do cadente a epheimeride natalicia do dr. Waldredo Gomes Pereira, illustre governador desta cidade e reputado clinico parahybano.

DIA 31: Dr. José Francisco de Lima Mendel o, digno director das Obras Publicas e do Abastecimento d'agua.

"ERA NOVA" em Mandos

É com o maior desvanecimento para nós que registamos ter esta revista constituído seu representante na capital do Amazonas o prestigioso homem de letras, dr. Leopoldo Pères.

Este nome já o nosso meo intellectual conhece e admira abas dos seus fulgurantes trabalhos que *Era Nova* e outros órgãos da nossa imprensa têm publicado.

Estamos certos de que recolhendo, na intellectualidade amazonense, o dr. Leopoldo Pères para nosso correspondente no seu Estado, não faremos sinão dar um signal de nossa commovida gratidão á h-bnal gentileza para commosco do emocionado cinzelador d' "O JARDIM DAS FONTES SILENCIOSAS", de quem esperamos continuar a merecer a honra e o conforto da sua companhia espiritual.

OBRAS DO NORDÉSTE

Realizou-se no dia 12 deste mês, a inauguração da estrada de rodagem de Sapé a Mamanguape, tendo comparecido pessoalmente a esse acto o chefe do governo estadual, que foi alvo mes-as duas localidades de significativas manifestações de apreço.

Foi empreiteiro da estrada o sr. dr. Velloso Berges, a cujo convite esta revista se fez representar em todas as festas promovidas por motivo desse auspicioso acontecimento, que é um dos marcos da obra patriótica emprehendida pelo sr. Epitacio Pessoa a prol dos interesses do nordeste.

Dispensamo nos de dar por menor a descripção desses festejos, porque já os nossos collegas diários detalhadamente o fizeram, e pelas condições de antecedencia com que é impressa esta revista.

ENSIO PARTICULAR

O professor Mario Gomes prodigaliss em sua residencia, á Rua Indio Paragibe, 372, lições de matérias do curso secundario e prepara alumnos para exames de admiss-ão ao Lyceu Parahybano e Escola Normal.

“O MAPINGUARY”

Ao dr. Pinto Pessôa

Cruel espantinho que por muito tempo correu fama, aterrorizando não só habitantes do rio Jurupary, onde primeiro appareceu, como também os do Invira, Murú e Tarauacá.

Em 1905 chegou ao Alto Tarauacá a noticia do «Mapinguary» e pintavam-no como um monstro de conformação humana. Tinha de dois a dois e meio metros de altura e a epiderme rugosa e grosseira em excess, á jacaré-assú, que obstava a perfuração de balas. Dahi o medo a invadir a alma de todos por saber-se que nos confins das mattas apparecia esse gigantesco animal que se não curvava ante o poderoso «Winchester».

Dotado de força prodigiosa, detinha nos braços rijos e furnidos qualquer coisa que conseguisse apprehender.

Alarmantes faziam-se os roteiros vindos de alguns aborigenas semi-civilisados, que, ao narrarem a historia cheia de mil episodios emocionantes, sentiam ericar-lhes por um calefrio a epiderme impregnada de genipapo e urucú.

Em confabulações amistosas com os seringueiros, o indigena dizia horrores do «Mapinguary».

Consistia seu principal alimento em carne de indio, sendo, pois, um voraz e terrivel anthropophago.

Quando lhe fallavam indios á sua preza, recorria aos macacos que, endiabradamente assustados, corriam em debandada, pulando nos olhos dos paus mais altos.

Diziam possuir o «Mapinguary» um só olho no meio da testa, na proporção de um maracujá, cujo brilho se percebia de longe.

Mas, deixemos os informes que andavam de bocca em bocca e narremos o facto visual observado por um seringueiro. Num seringal do Jurupary, affluente do Invira, exaustivava-se pelos centros da matta, no corte da borracha, um rapaz forte e valente, disposto e decidido. Ao fazer elle a volta da estrada, sentiu nas proximidades de um buritisaí indícios de caletús.

Effectivamente, aveguou elle a lama dos extensos charcos e igapós e viu a trilha seguida de pouco tempo.

Poz-se na pista dos porcos e andou, andou sem poder alcançal-os, atravessando sempre logares exquistos e cerrados.

Vencendo os chavascaes, chegou a uma restinga meio aberta, e avistou á umas trinta braças um vulto de pé firme, de estatura gigantesca, bem caspento, movendo a cabeça para um lado e outro dos hombros.

Estava de costa para o homem como que a farejar a manada de porcos que passara havia pouco motivo por que não investira contra o

O seringueiro não mediu consequencias; poz a bala na agulha do rifle e mandou-lhe fogo pelas costas.

Limpando a fumaça do tiro, o bicho na posição que estava, nessa ficou, não demonstrando a menor perturbação de nervos e continuou em silencio, no seu movimento de cabeça, como antes de ser alvejado.

SOCIAES



A gentil senhorita CAROLINA DE SOUZA FALÇÃO, ornamento da sociedade parahybana.

O homem teve a elucidação de que se tratava de um monstro ignoto e surdo.

Sahiu esgueirando-se, muito assombrado, e logo adiante poz o pé á carreira, deitando fóra a sartapilheira da caça para melhor vencer os cinco ou seis kilometros que o separavam da barraca.

Em poucos minutos alcançou a casa e contou a historia ao companheiro e ambos apavorados decidiram-se logo tomar a montaria e seguirem ás pressas para o barracão do patrão.

Lá chegados, narraram o occorrido ao mesmo (patrão), que immediatamente reuniu quarenta de seus mais afamados seringueiros para darem correria ao bicho.

Seguiram todos bem municiados até o logar onde tinha sido elle visto, e dali fizeram-se os mesmos pelos centros das mattas.

Andaram cerca de cinco dias chegando ás diviões das aguas do Jurupary com o Pauhynin, affluente do Purús. Apenas encontraram o que foi visto por todos da comitiva, no tronco de uma *Trichostema*, uma tulla enorme de ossos de indios, e as folhas aca-

madas denunciando a existencia de três leitões proximos sendo dois grandes e um pequeno, certamente o casal e o filhote.

Os expedicionarios conseguiram entrevistar indios do logar que viviam em sobresalto com esses extranhos carneiros.

Deram-lhes o nome de «Mapinguary». No principio de seu apparecimento iludiam elles os selvícolas gritando pelas mattas como que a chamal-os, e respondendo eram fatalmente apnhados.

Dessa epoca em diante, nunca mais os indios gritaram ao natural nas selvas: communicavam-se uns com os outros por meio de arremedo do urú e demais passaros regionaes.

Contaram ainda que os «Mapinguarys» eram animaes desconhecidos e já tinham tido alguns encontros com os mesmos que sempre levaram partido na lucta; não temiam coisa alguma, nem a sela nem mesmo a bala do rifle.

Scientes disto, sem mais nada averiguarem ao certo, os expedicionarios, medrosamente covardemente fizeram meia volta para o seringal donde haviam partido, conduzindo de suas frustradas investigações a certeza da existencia dos «Mapinguarys» e consequentemente o assombro para uma região inteira.

ALFREDO LUSTOSA CABRAL

A TRANSMISSÃO DA IMAGEM PELA TELESTEROGRAPHIA — Edouard Bélin, physico francez, experimentou em 1921 o seu aparelho telestereographico, destinado a transmitir, com ou sem fio, a imagem, e o inventor conseguiu transmitil-a entre Paris e Lyon, ou Paris Bortaux e Nice, ou mesmo em circuitos internacionaes.

«Le Matin», de Paris, e «Daily Mail», tiveram a ventura de publicar, em 14 de agosto de 1920, a primeira reportagem telephotographica conseguida por meio do aparelho Bélin. Durante a Conferencia de Washington, operadores instalados nos Estados Unidos conseguiram transmitir para a França diversas mensagens illustradas. E, pois, uma invenção que entrou no dominio da pratica. Uma das applicções em que o aparelho Bélin tem demonstrado a sua utilissima efficiencia, é na transmissao de fichas digitas de criminosos. A policia de uma cidade detem um criminoso e quer conhecer os seus antecedentes em outra cidade. Transmite as impressões digitas pelo aparelho tele-tereographico e obtém immediatamente os desejados esclarecimentos.

Para a transmissao da imagem é ella transformada em uma impressão semelhante á dos discos de gramophone em que os traços formam ligeiras saencias. Colocada á placa em um cylindro, é este, quando movimentado o aparelho, tocado por um esilote que se abaixa ou levanta no sabor das depressões que encontra na placa, e cada um desses movimentos se transforma em um signal de emissão, que lança uma onda electrica de T. S. F., que vai accionar um galvanometro, que reproduz, por meio de um raio luminoso, em um papel, na estação receptora, os traços transmitidos, até a reprodução completa da imagem.

E a reprodução é absolutamente fiel.

CARLOS D. FERNANDES

LIVRO DAS PARCAS

A' VENDA NA CASA ANDRADE

CASA KODAK

Artigos para Photographia,
Machinas, Cartões, Chapas,
Drogas e Papeis.

*A photographia está a mão de todos,
até creanças pôdem hoje, com
as machinas novas, tirar retratos,
e manipular chapas e films.*

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

A coisa mais agradável para os parentes pos-
suir retratos de seus filhos desde
primeira infancia.

A casa tem pessoal habilitado para revelar e tirar provas de
todos os Films e Chapas por preços modicos.

CAIXA POSTAL - 19

RUA MACIEL PINHEIRO N. 29

PARAHYBA DO NORTE

Ford**O AUTO UNIVERSAL**

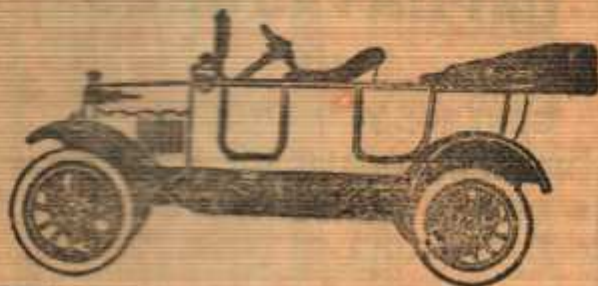
Formig 5 passageiros	5.500\$
Comida, classe	5.400\$
Insitor, Fordoa	8.100\$

Officina completa para concerto
e estufa para pintar

Venda de peças legitimas FORD

Agencia Ford—MONTTEATH & C.

Filial Parahyba — RUA MACIEL PINHEIRO

**ANTONIO BOTTO** Advogado

Advoga no civil, crime e commercio, acci-
tando trabalhos para o Interior.
Expediente das 10 ás 16 horas

ESCRITORIO NO PALACETE DA JUNTA COMMERCIAL — PARAHYBA

BRITO LYRA & C.

FAZENDAS

VENDAS EM GROSSO

Rua Maciel Pinheiro ☐ Parahyba do Norte

A ATTRACTIVA

RUA MACIEL PINHEIRO, 190.

Chapéus para senhoras e crianças

Giovanny Ponzi

PARAHYBA DO NORTE

MERCERIA MODÉLO

(FILIAL DE PEREIRA ALMEIDA & C^o)

IMPORTADORES

DE

* GENEROS ALIMENTICIOS DE *
PRIMEIRA QUALIDADE, BEBIDAS
FINAS, CONSERVAS, ETC.

RUA MACIEL PINHEIRO, N. 123

Telephone, 250.

PARAHYBA

ELIXIR DE CANINANA E

JURUBEBA

FORMULADO E PREPARADO PELO PHARMACUTICO

OVIDIO QUARTE DOS SANTOS LIMA

Cura, com valor:

Rheumatismo, feridas gommosas, ulceras antigas e recentes, dactilomas, empingens, sarnas, fistulas, escrophulas, tumores, adormecimentos dos membros e quaisquer moléstia de origem syphilitica.

É a ultima palavra em depurativo !...

Está registrado na Junta de Hygiene e Associação Commercial do Estado, e depositado na Junta Commercial da Capital Federal.

GUIDADO COM AS IMITAÇÕES!...

Vendo-se em todas as boas Pharmacias

DEPOSITO GERAL - PHARMACIA SANTOS

SERRARIA

Deposito na Capital - Drogaria Pessoa

LOTERIA DE SANTA CATHARINA

MODELADA PELA LOTERIA DO RIO GRANDE DO SUL

UNICA QUE DISTRIBUE 75 % EM PREMIOS

PREMIOS MAIORES:

30, 50 e 100 CONTOS DE RÉIS.

Por 8\$000, 11\$500 e 23\$000 respectivamente

Extracções semanaes

Em urnas de crystal e bolas numeradas por inteiro, em movimento continuo, por motor electrico.

Os bilhetes de 20 e 50 contos são divididos em decimos e os de 100 contos em vigessimos

Todos os bilhetes jogam com 15 milhares — Bilhetes á venda em toda parte.

Administração — RUA DEODORO, 14. Florianopolis.

Os concessionarios — **La Porta & Visconti**

Socio-gente ANGELO M. LA PORTA, ex-socio-gente da Loteria do Rio Grande do Sul.

N. B. — Nos localidades que não estão os bilhetes á venda podem-se ser adquiridos por intermedio da Loteria os quaes compra-se os bilhetes comutando as parças a respectiva moeda, ou remittendo a esta administração a respectiva importância e mais 15000 para o porto.

CASA POPULAR

de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazenda, miudazas, perfumarias, roupas, etc. - Especialidades em chapéus de palha, ultimas novidades, gravatas, camisas, phantalias, cretonas, morins e outros artigos para homens, senhoras e creanças. - Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.
Filiaes: Rua da Republica ns. 654 e 458.

PARAHYBA DO NORTE

BAZAR PARAIBANO

GUARABIRA



FILIAL EM PARAHYBA:

7, Rua Maciel Pinheiro, 7.

Completo sortimento
de LOUÇAS E VIDROS

PREÇO RESUMIDO

Hermenegildo P. Cunha

GRANDE EMPORIO

de chapéus, de todas as qualidades,
para homens e creanças.

CASA PENNA

O melhor sortimento em gravatas,
collarinhos, meias, camisas
e perfumes.

Depositarios dos melhores
fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 83 — Parahyba

LEGITIMOS

Bandollus Napolitanos

— RECEBEU A —

CASA VESUVIO

DE

VICENTE RAITACASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro N. 103

“A ELITE”

LINS & MONTEIRO

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro — 211

PARAHYBA

ALFAIATARIA ZACCARA



ELEGANCIA

E

PERFEIÇÃO

— II —

ULTIMA MODA

— II —

Sob a dire-
ção cri-
teriosa de
habeis cor-
tadores
italianos

ZACCARA & C.

Rua Maciel Finheiro — 176 e 180

PARAHYBA DO NORTE

QUER SER FELIZ?

TODOS OS SEUS DESEJOS SERÃO REALIZADOS EM MENOS DE OITO DIAS!

Terá sorte no jogo, loterias, amor, empregos, commercio, viagens, exames, concursos, amizades, bom casamento, reconciliações com esposas, amantes e inimigas.

Enviar o nome e endereço com envelope sellado para resposta.

PEDIR Á CAIXA POSTAL, 38.

ESTADO DO RIO-NICTHEROY.

evita a pena de sua esposa
e de seus filhos

Tomem o **ELIXIR "914"**

Os abortos provêm da syphilis. O **ELIXIR "914"** evita os abortos. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O **ELIXIR "914"** é um tónico poderoso contra a terrivel molestia. Tratar a syphilis sem inflamações e sem atacar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o **ELIXIR "914"**. O **ELIXIR "914"** é usado nos hospitais e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contem veneno. Agradavel como um licor.

Depositarior: GALVÃO & Cia.

AV. S. JOÃO N. 145

S. PAULO

NÃO HA MAIS MORTES

EM CONSEQUENCIA DE HEMORRHAGIAS NOS PARTOS TOMANDO A **FLUXO-SEDATINA** dos partos, cura as hemorragias antes e post-partum. Cura colicas uterinas em 2 horas, regula os periodos e cura todas as doenças do Utero, Flores Brancas, Inflamações dos ovarios Suspensão das regras e todos os males que atacam a mulher. A «FLUXO-SEDATINA» é a salvação das senhoras. Está sendo usada em todas as maternidades do Brasil.

Recommenda-se aos medicos e parteiras.

Em todas as Pharmacias e Drogarias

Depositarior: **GALVÃO & C.ª**

Av. São João, n. 145.

S. PAULO